



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CAMILA ALVES SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**RECIFE
2018**

CAMILA ALVES SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo Prof.^o Dr.^o Aristeu Portela Júnior.

**RECIFE
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S586r Silva, Camila Alves
Representações de gênero nos livros didáticos dos anos iniciais
do ensino fundamental / Camila Alves Silva. – 2018.
102 f. : il.

Orientador(a): Aristeu Portela Júnior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife,
BR-PE, 2018.
Inclui referências.

1. Livros didáticos 2. Identidade de gênero 3. Ensino
fundamental 4. Educação - Estudo e ensino I. Portela Júnior, Aristeu,
orient. II. Título

CDD 370

CAMILA ALVES SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Data da Defesa: 18/12/2018

Horário: 09 horas

Local: Sala de Seminários – Prédio A do Departamento de Educação - UFRPE

Banca Examinadora:

Aristeu Portela Júnior
Prof. Orientador

Ana Catarina dos Santos P. Cabral
Prof.^a Examinadora Interna

Maria Helena Lira
Prof.^a Examinadora Externa

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.”

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

No contexto atual da educação brasileira, muitos embates vêm sendo empreendidos no sentido de eliminar as discussões, nas escolas, acerca das identidades de gênero. O presente trabalho foi construído a partir da compreensão da necessidade de refletir sobre essa temática no ambiente escolar, tendo em vista as desigualdades sociais entre homens e mulheres, justificadas por diferenças biológicas. Compreendendo que essas desigualdades são materializadas no ambiente escolar através das práticas docentes, das rotinas e dos materiais didáticos, objetivou-se analisar as representações de gênero presentes em livros didáticos do segundo ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os livros analisados pertencem à coleção Ápis, da Editora Ática e foram selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2016. Essa pesquisa foi embasada nos estudos pós-estruturalistas e, em termos de metodologia de análise dos livros, inspirou-se na Análise de Conteúdo. Através do percurso investigativo aqui empreendido, verificou-se um processo de perpetuação de estereótipos relacionados às mulheres e aos homens nos livros didáticos, além da exclusão de outras identidades. Encontrou-se, além disso, mecanismos de perpetuação das desigualdades, mas, também, ainda que raros, pontos de ruptura. Em meio a esse cenário, destaca-se ainda, o emprego de uma linguagem sexista, em grande parte dos livros, tendo o masculino, na maioria das vezes, como referência universal.

Palavras-chave: Livros Didáticos. Identidades de Gênero. Educação Escolar.

ABSTRACT

In the current context of Brazilian education, many efforts have been made to eliminate discussions in schools about gender identities. This work was constructed from the understanding of the need to reflect on this theme in the school environment, considering the social inequalities between men and women, justified by biological differences. Understanding that these inequalities are materialized in the school environment through teaching practices, routines and didactic materials, the aim was to analyze the representations of gender present in textbooks of the second cycle of the initial years of Elementary School. The books analyzed belong to the Ápis collection of Editora Ática and were selected by the National Program of Didactic Book of 2016. This research was based on poststructuralist studies and, in terms of methodology of analysis of the books, was inspired by Content Analysis. From the research carried out, there was a process of perpetuating stereotypes related to women and men in textbooks, as well as the exclusion of other identities. In addition, there were mechanisms for perpetuating inequalities, but also, although rare, points of rupture. In this context, the use of a sexist language is emphasized in most of the books, in which the masculine, for the most part, presents itself as a universal reference.

Keywords: Schoolbooks. Gender Identities. Schooling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trecho do livro de Geografia – 5º ano.....	36
Figura 2 – Trecho do livro de Língua Portuguesa – 5º ano.....	36
Figura 3 – Trecho do livro de Geografia – 5º ano.....	37
Figura 4 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	37
Figura 5 – Trecho do livro de Ciências – 4º ano.....	37
Figura 6 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	38
Figura 7 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	38
Figura 8 – Trecho do livro de Matemática – 4º ano.....	38
Figura 9 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	39
Figura 10 – Trecho do livro de Matemática – 4º ano.....	39
Figura 11 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	39
Figura 12 – Trecho do livro de Língua Portuguesa – 5º ano.....	40
Figura 13 – Trecho do livro de Matemática – 4º ano.....	40
Figura 14 – Trecho do livro de Matemática – 4º ano.....	40
Figura 15 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	41
Figura 16 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	41
Figura 17 – Trecho do livro de Matemática – 4º ano.....	41
Figura 18 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	41
Figura 19 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	42
Figura 20 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	42
Figura 21 – Trecho do livro de Geografia – 5º ano.....	42
Figura 22 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	44
Figura 23 – Imagem retirada do livro de História - 4º ano.....	44
Figura 24 – Tabela retirada do livro de História - 5º ano.....	45
Figura 25 – Imagem retirada do livro de Matemática - 4º ano.....	47
Figura 26 – Imagem retirada do livro de Matemática - 4º ano.....	47
Figura 27 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	52
Figura 28 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	52
Figura 29 – Imagem retirada do livro de Geografia - 5º ano.....	54
Figura 30 – Trecho do livro de História – 4º ano.....	57
Figura 31 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	57
Figura 32 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	58

Figura 33 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	58
Figura 34 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	59
Figura 35 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	61
Figura 36 – Imagem retirada do livro de Ciências - 4º ano.....	67
Figura 37 – Imagem retirada do livro de Ciências - 4º ano.....	67
Figura 38 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	68
Figura 39 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	68
Figura 40 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	68
Figura 41 – Trecho do livro de Matemática – 5º ano.....	68
Figura 42 – Imagem retirada do livro de Matemática - 5º ano.....	69
Figura 43 – Imagem retirada do livro de Matemática - 5º ano.....	69
Figura 44 – Imagem retirada do livro de Matemática - 4º ano.....	69
Figura 45 – Imagem retirada do livro de Matemática - 4º ano.....	69
Figura 46 – Imagem retirada do livro de História - 5º ano.....	70
Figura 47 – Trecho do livro de História – 5º ano.....	71
Figura 48 – Imagem retirada do livro de Geografia - 5º ano.....	72
Figura 49 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	73
Figura 50 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	73
Figura 51 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	74
Figura 52 – Imagem retirada do livro de Matemática - 5º ano.....	75
Figura 53 – Imagem retirada do livro de Geografia - 5º ano.....	76
Figura 54 – Imagem retirada do livro de Língua Portuguesa- 4º ano.....	79
Figura 55 – Imagem retirada do livro de Língua Portuguesa- 4º ano.....	80
Figura 56 – Imagem retirada do livro de Língua Portuguesa- 4º ano.....	80
Figura 57 – Imagem retirada do livro de Língua Portuguesa- 5º ano.....	82
Figura 58 – Imagem retirada do livro de Ciências - 4º ano.....	84
Figura 59 – Imagem retirada do livro de Matemática - 5º ano.....	84
Figura 60 – Imagem retirada do livro de Geografia - 4º ano.....	85
Figura 61 – Imagem retirada do livro de Língua Portuguesa - 5º ano.....	85
Figura 62 – Imagem retirada do livro de Geografia - 5º ano.....	85
Figura 63 – Imagem retirada do livro de Matemática - 5º ano.....	85
Figura 64 – Trecho do livro de Língua Portuguesa – 4º ano.....	87
Figura 65 – Trecho do livro de Língua Portuguesa – 5º ano.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhos científicos que abordam a temática de gênero nos livros didáticos.....	32
Tabela 2 - Quantidade de profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens nos livros do 4º e 5º ano.....	46
Tabela 3 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Matemática do 4º ano.....	48
Tabela 4 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Matemática do 5º ano.....	49
Tabela 5 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Geografia do 4º ano.....	52
Tabela 6 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Geografia do 5º ano.....	53
Tabela 7 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Ciências do 4º ano.....	55
Tabela 8 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Ciências do 5º ano.....	55
Tabela 9 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de História do 4º ano.....	59
Tabela 10 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de História do 5º ano.....	61
Tabela 11 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Língua Portuguesa do 4º ano.....	63
Tabela 12 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Língua Portuguesa do 5º ano.....	64
Tabela 13 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Ciências do 4º ano.....	77

Tabela 14 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Ciências do 5º ano.....	78
Tabela 15 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Língua Portuguesa do 4º ano.....	79
Tabela 16 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Língua Portuguesa do 5º ano.....	81
Tabela 17 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Matemática do 4º ano.....	83
Tabela 18 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Matemática do 5º ano.....	83
Tabela 19 - Quantidade de pessoas/personalidades encontradas nos livros do 4º ano.....	88
Tabela 20 - Quantidade de pessoas/personalidades encontradas nos livros do 5º ano.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LD	Livro Didático
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

Caro leitor,

Talvez você seja uma mulher. E, muito provavelmente, no processo educativo a que se submeteu, você foi ensinado a compreender e sentir-se incluído em qualquer referência textual em que predomine o gênero masculino.

Como estudante, também deve ter aprendido ao longo dos anos na escola que, os meninos são mais agitados, expansivos, fortes, bagunceiros, tiram notas medianas, mas são bons em matemática e tecnologia, além do futebol, claro! Ao passo que as meninas são meigas, quietas, têm letra caprichada, são organizadas e tiram boas notas em tudo, mas são boas mesmo nas atividades de arte e dança. E por isso, hoje, essas determinações distribuídas às identidades de gêneros, não te incomodam.

Então, estimado leitor, ante esses termos “genéricos”, sinta-se igualmente acolhido! Não se preocupe, pois, se você é mulher, ocultamente, esses termos te representam e, portanto, você sabe que não está de fora.

Assim, presumo, que o pequeno desconforto, por ventura surgido, seja natural. Não obstante essas insurgências, gostaríamos que continuasse a leitura.

É que escolhemos falar sobre a abordagem de gênero em alguns livros didáticos atuais, refletindo os efeitos das proposições ali insinuas, e é inevitável que esse assunto não te diga respeito. Afinal, quem escapa às questões de gênero?

Esse tema já tem tantas teorias e abordagens, é verdade! Mas apesar disso, constatamos que muitas práticas cotidianas, cravadas no âmbito escolar, sobretudo, levam a uma disciplina do sujeito em torno do gênero que em muito se distancia da aplicação das teorias a que temos fortemente nos filiado contemporaneamente.

Refazendo, portanto, o convite, agora de forma inclusiva e empática:

Prezadas leitoras e leitores, sintam-se à vontade para prosseguir nessa leitura! Será, de fato, uma satisfação poder compartilhar essa pesquisa com vocês.

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I – Identidades de gênero no espaço escolar, por que discutir?	17
1.1. Gênero e Identidades.....	17
1.2. O Espaço Escolar e as Questões de Gênero.....	21
1.3. O Livro didático materializando discursos.....	23
CAPÍTULO II -Dos meios para chegar aos fins: O percurso metodológico.....	27
2.1. Seleção do <i>corpus</i>	27
2.2. Procedimentos de análise.....	29
CAPÍTULO III – Livros didáticos: Emoldurando identidades.....	31
3.1. Gênero nos livros didáticos: O que dizem as pesquisas?	31
3.2. Explorando as identidade de gênero nos livros didáticos.....	35
3.2.1. Atividade Profissional.....	46
3.2.1.1. Matemática.....	47
3.2.1.2. Geografia.....	51
3.2.1.3. Ciências.....	54
3.2.1.4. História.....	56
3.2.1.5. Língua Portuguesa.....	63
3.2.2. Organizações Familiares.....	66
3.2.3. Atividades de Lazer.....	74
3.2.4. Pessoas e Personalidades em Destaque.....	86
3.2.5. Considerações acerca da instituição escolar: a educação e as identidades de gênero.....	91
CONCLUSÕES	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	101

INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade são temáticas significativas, uma vez que, por configurar uma forma de organização das sociedades, através dos sexos e do feixe de comportamentos a eles atribuídos, diferenciam e hierarquizam os corpos. Isto é, as questões de gênero, por si só, suscitam a necessidade de reflexão no tocante a disparidade socialmente estabelecida para os gêneros e os efeitos dessa forma de pensar e criar essas diferenças.

Scott (2012, p. 328) aponta que o gênero consiste em “pressuposições sobre a relação entre sexo biológico e papéis construídos culturalmente para mulheres e homens”, vincula-se a uma política social que diferencia os corpos, hierarquizando-os a partir dessas expectativas constituídas socialmente. Portanto, compreendemos que as expectativas sociais sobre os sexos não são derivadas de forma natural e determinísticas, mas são construções sociais que tendem a reforçar desigualdades, especialmente quando apresentadas de maneira dicotômica.

A compreensão da escola, enquanto relevante instituição social, aponta que, ao exercer a função socializadora dos sujeitos, também produz e reproduz conhecimentos e padrões sociais. Por ser permeada por relações de poder que incidem sobre os corpos, a escola termina por contribuir na constituição dos sujeitos. Desse modo, uma vez que a instituição escolar é o espaço por excelência da construção de saberes historicamente sistematizados, indispensável é a análise de como esta instituição influencia a construção das identidades de gênero, e como se instituem relações de poder, em razão do gênero, neste ambiente.

Frente a esse contexto, e considerando a dimensão discursiva das temáticas de gênero e sexualidade, impera refletir sobre a materialização dos discursos referentes a essas categorias na escola. Dentre os materiais didáticos utilizados nas escolas, que consubstancializam discursos da esfera social, um dos mais relevantes, atualmente, nos parece ser o Livro Didático. Um instrumento que, por vezes, chega a ser utilizado como único recurso pedagógico por professores e professoras do ensino básico, mas que encerra valiosos conteúdos, atividades e reflexões. Pode-se dizer que o Livro Didático é

um recurso presente na maioria das escolas do Brasil e que, portanto, se traduz em significativo vetor de ideologias.

Neste sentido, constrói-se o problema da atual pesquisa: Como o Livro Didático tem trazido as representações de gênero para dentro do ambiente escolar?

O interesse na pesquisa surgiu a partir da problematização quanto à marginalização e silenciamento de personagens femininas nos discursos escolares, percebidos através de uma experiência acadêmica em que a pesquisadora foi desafiada à construção de um recurso didático lúdico¹ para o ensino de História sobre biografias de personagens femininas.

Foi possível observar, neste processo, como as questões de gênero perpassam as práticas escolares de maneira não reflexiva. Ou seja, os educandos e educandas absorvem comportamentos e assimilam posições pré-estabelecidas para as identidades de gênero de modo acrítico, muitas vezes em razão da forma de apresentação dessas identidades através do conteúdo, dos materiais e da prática pedagógica.

Através de um levantamento bibliográfico exploratório sobre a temática, percebeu-se que as questões de gênero e sexualidade e, também, sua corporificação nos materiais didáticos, mais especificamente, nos livros didáticos (LDs), têm ganhado espaço entre as pesquisas da área de educação. Entretanto, as pesquisas têm sido realizadas de maneira fragmentada, em cada componente curricular separadamente (Ciências da Natureza ou Língua Portuguesa ou História ou Geografia ou, ainda que mais timidamente, Matemática).

Partindo da perspectiva de que as sociedades se organizam com base nas categorias de gênero e sexualidade e considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) com suas prescrições no tocante à diversidade de gênero e sexualidade e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) que, através do tema transversal "Orientação Sexual", propõem o trabalho e reflexão

¹ Por meio da elaboração do material, o jogo "Você conhece? Mulheres do Brasil", foi construído o seguinte artigo: "Você conhece as mulheres do Brasil? Proposta de recurso didático lúdico para o ensino de história". Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/REB/article/view/311>>

sobre essas categorias na escola, se faz necessário construir um olhar mais abrangente, interdisciplinar, que fomente o pensamento crítico acerca das disposições sociais de gênero, e, neste sentido, ainda há um longo caminho a percorrer.

Levando em conta a necessidade de transformação deste olhar sobre a problemática de gênero, questão ainda incipiente nas práticas escolares, é que a atual pesquisa se propõe a ampliar o campo de análise, abarcando os livros didáticos dos diferentes componentes curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências da Natureza) prescritos para os anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que as questões de gênero perpassam, em maior ou menor grau, por todos os componentes.

A partir daí, traçamos como objetivo geral para a pesquisa, ora proposta, analisar as representações de gênero presentes em livros didáticos do segundo ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Elaboramos esse objetivo a fim de compreender de que forma estes livros podem contribuir para a educação acerca da construção da identidade das pessoas. Esta proposta está fundamentada em uma pergunta propositiva de Joan Scott (1989), em que questiona: “Como as instituições sociais têm incorporado o gênero nos seus pressupostos e na sua organização?” (SCOTT, 1989, p. 29). Compreendendo, então, o livro didático como uma ferramenta que materializa discursos dentro da instituição escolar, e por onde, portanto, perpassa diversidade de gênero, buscaremos analisar este material, ponderando sobre as representações de gênero nele presentes.

Os livros didáticos selecionados para a análise fazem parte de uma coleção aprovada e escolhida pelos/as professores/as do Brasil através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2016). Para alcançar tal análise, como objetivos específicos, propusemos, em primeiro lugar, verificar a coerência do material didático selecionado pelo PNLD 2016, com os critérios estabelecidos pelo Programa², no tocante às questões de gênero. Além disso, investigar nas imagens e textos dos livros didáticos selecionados, as relações entre as

² “Serão excluídas do PNLD 2016 as obras didáticas que: 1. Veicularem estereótipos e preconceitos de condição social, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação l, de direitos; (BRASIL, 2014, p. 47)

identidades de gênero e as qualidades e comportamentos a eles associados. Por fim, comparar essas representações de gênero entre os livros didáticos dos diversos componentes curriculares (Português, Matemática, Ciências, História e Geografia).

O primeiro capítulo deste trabalho está destinado à discussão dos principais conceitos que envolveram a pesquisa, sendo eles, gênero, sexualidade, identidades, escola e livro didático. No capítulo posterior, apresentamos a metodologia utilizada no processo investigativo, os instrumentos de coleta de dados e a metodologia de análise. Por fim, no terceiro capítulo do trabalho, apresentamos as análises realizadas sobre as representações de gênero nos livros didáticos selecionados, além de uma breve revisão da literatura referente aos estudos de gênero e do livro didático.

CAPÍTULO I – Identidades de gênero no espaço escolar, por que discutir?

1.1. Gênero e Identidades

Programas de TV, rádio, sites na internet, livros, revistas, documentos legais, panfletos, artigos, novelas, comerciais, jogos, aplicativos... onde não encontramos questões de gênero e sexualidades nos dias de hoje? Se há alguns anos esses assuntos eram tidos como tabu ou mesmo impensados, hoje, há na sociedade brasileira uma explosão de suportes/espços em que são expostas estas temáticas.

Gênero e sexualidade são temáticas que inquietam, instigam, que põem em dúvida e desestruturam as construções rígidas de identificação do sujeito. Apesar de tão propagado atualmente, o termo “gênero” nem sempre expressa um significado único. Por ser muito amplo e complexo, gênero passou a ser compreendido de diversas formas pelas pessoas e, muitas vezes, de maneira negativa. O significado assumido aqui é derivado de uma construção histórica, em que diversos grupos e movimentos, principalmente os Movimentos Feministas, se inserem em busca de refletir e desconstruir as desigualdades sociais já tão enraizadas.

Insta destacar que as reflexões sobre o gênero, em que se situam essa pesquisa, buscam apoio nas recentes teorias dos estudos pós-estruturalistas. E incitadas, sobretudo, pelas investigações do filósofo francês Michel Foucault, Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro.

Através da narrativa hegemônica do feminismo ocidental, surgido no ocidente do século XIX, iniciou-se uma discussão sobre as implicações sociais das diferenças sexuais entre homens e mulheres. Mulheres do continente europeu lutavam por condições sociais e políticas mais justas em relação aos homens, visto que, a eles oportunizava-se uma diversidade de possibilidades no mundo público, enquanto a elas era relegado o mundo doméstico, de cuidados da casa e da família.

Iniciou-se, a partir disso, o movimento sufragista, através do qual se buscava o direito ao voto para as mulheres e que ganhou expressividade, agregando outras pautas, por todo o mundo nos anos seguintes. Vale salientar,

entretanto, que, desde esse momento, os movimentos feministas do ocidente se deparam com a dificuldade em agrupar e generalizar as pessoas com base em suas distinções sexuais, visto que, nem todos os indivíduos considerados “mulher” à época, se enquadravam no cenário apresentado acima (LOURO, 1997; SCOTT, 1989).

Através destas pautas sociais e políticas, em momento posterior (no início da década de 1960), as feministas puderam iniciar um processo de construção teórica, refletindo sobre as diferenças sexuais dos sujeitos e a fomentação de desigualdades sociais baseadas naquelas diferenças. Foi a partir destas reflexões, em meados da década de 1970, que o uso do termo “sexo” tornou-se insuficiente, já que se discutia a insustentabilidade da atribuição à biologia das diferenciações construídas com base nos sexos. Ao começar a utilizar o termo gênero, as feministas estavam preocupadas com a situação das mulheres na sociedade, entretanto o utilizaram considerando sua aceção relacional. Nas palavras de Scott:

Nas primeiras articulações feministas, a noção de gênero como uma construção social teve como objetivo analisar a relação de mulheres e homens em termos de desigualdade e poder. A ideia foi que gênero aplicava-se a todos, que era um sistema de organização social, que não havia ninguém fora disso. Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado (SCOTT, 2012, p.333).

Essa concepção de gênero, construída pelo Movimento Feminista ocidental, só chegou ao Brasil há 30 anos, na década de 1980 (LOURO, 1997, p.23), trazendo debates sobre as questões das identidades de gênero, mas também de sexualidade. As identidades de gênero, nesse sentido, se constituem do gênero no qual a pessoa se identifica e se expressa, inseridas, hegemonicamente, de maneira dicotômica nos polos masculino ou feminino. Já as identidades sexuais referem-se às diversas formas pelas quais os indivíduos expressam sua sexualidade.

Apesar de significarem coisas distintas, os estudos feministas percebem que as identidades de gênero e as identidades sexuais são vistas de maneira imbricada pela sociedade, cabendo assim às pessoas do gênero feminino relacionar-se sexualmente com pessoas do gênero masculino, de acordo com as prescrições de uma sociedade heteronormativa.

Essas discussões trazem à tona uma questão importante dentro dos estudos feministas, que diz respeito à relação entre o “sexo biológico” e gênero. Observando o conceito de gênero, por exemplo, Scott afirma:

Dentro da linguagem, gênero foi muito debatido nos anos 1990 como sinônimo de anti-essencialismo com a ideia de que a anatomia das mulheres não é o seu destino. Isto muitas vezes significava – seguindo o pensamento dos cientistas sociais – que os papéis atribuídos às mulheres (mesmo as mães) diferem conforme o tempo e o lugar e tem muito pouca relação direta com a biologia delas. (SCOTT, 2012, p. 335)

Há, nessa perspectiva, uma ideia implícita de que existe uma identidade comum às mulheres de todas as sociedades e todas as épocas que está ligada à sua anatomia. Surge, a partir daí, a problematização sobre como o gênero tem sido definido a partir da ideia de uma diferença biológica. Nesse sentido, Daniela Auad, comungando com as ideias de Christine Delphy, socióloga francesa, aponta que:

[...] não é o gênero que é construído sobre a base da diferença do sexo biológico. Em vez disso, o sexo biológico é socialmente construído ao se tornar um dado pertinente, e, portanto, uma categoria percebida, por causa da existência do gênero. Assim, o gênero cria a percepção do sexo anatômico. A diferença entre homens e mulheres é um fato anatômico que não teria nenhuma significação em si mesmo, não fossem os arranjos de gênero vigentes. (AUAD, 2005, p.40)

De acordo com Stuart Hall, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7). Compreender as generificações dos corpos, como espectro da identidade que, para além de concepções pré-constituídas e puramente biológicas, não carregam no gênero a sua identidade sexual, bem como não há vínculo entre as atribuições dadas a mulher e ao

homem pela simples disposição sexual anatômica de seus corpos, é o passo inicial indeclinável à desconstrução das desigualdades sociais estabelecidas através do gênero em nome de uma suposta natureza. Não é possível estabelecer rigidamente tarefas e características por um atrelamento arbitrário ao órgão sexual sem que isso implique instituições manifestas de relações de poder em evidente supremacia do masculino, sobre o feminino.

Em superação a concepção da natureza de gênero imposta aos corpos, filósofos pós-estruturalistas, a exemplo de Michel Foucault, refletem o caráter construído da identidade. Ao longo de sua obra “História da sexualidade I: a vontade de saber” (1988), o filósofo francês faz uma análise histórica das concepções de sexo e sexualidade presentes em diversos momentos de nossa sociedade, mostrando que a origem, tanto da sexualidade, quanto do gênero, é social, é histórica e situacional.

Pode-se observar, nesta perspectiva, que, desde que nasce, o sujeito é objeto de uma série de relações de poder que atribuem determinado gênero ao seu corpo. O sujeito é interpelado, isto é, chamado a assumir um conjunto de normas sociais constantemente reiteradas, a fim de cristalizar no corpo uma aparência estável, de fixidez natural. Nas elucidações de Judith Butler:

Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro”, em um “ele” ou em um “ela”: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse *tornar-se garota* da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado (BUTLER, 2016, p.161).

Concebe-se, portanto, que, “as formas como elas (as identidades) se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder” (LOURO, 2016, p.16). E que a sociedade, através dessas relações, constitui os sujeitos, referindo-se não apenas às forças institucionais, a par dos governos, mas a própria entidade familiar, por exemplo.

Para Louro:

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeito os sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade (LOURO, 2016, p.16).

Nesse contexto se inserem as identidades de gênero e sexual hegemônicas: masculina ou feminina, e heterossexual; com todas as características forjadas socialmente que se pretendem inserir nos indivíduos. Compreendendo, porém, que as questões de gênero e sexualidade estão permeadas por relações de poder, sabemos que existem resistências e rupturas a estas “normalidades”.

Para Scott, a materialização das identidades implica uma dificuldade e um debate que extrapola os limites do corpo, assumindo um viés, sobretudo, político.

Enquanto não podemos exatamente separar nossos corpos de nós mesmos, nós podemos cogitar a ideia de que corpos não são o suficiente para providenciar uma segura definição de identidade, papéis e orientação sexual. A ideia mais radical de entendimento de gênero é sobre a concepção de várias definições de homem/mulher, masculino/feminino, na sua complexidade e instabilidade. É sobre as lutas para manter os significados no lugar (impor e fazer cumprir as normas) e lutas para resistir ou derrubá-los. (SCOTT, 2012, p.337)

As questões de gênero que atravessam os corpos vão muito além da determinação de uma identidade de gênero e a sua manutenção. Trata-se de refletir a sua volatilidade, sua inconstância, a sua incapacidade de apreensão. Aquilo que, nas palavras de Scott, seria sua instabilidade. Debruçar-se sobre os significados do gênero, portanto, consiste em analisar o que subjaz à busca pela normatização dos sujeitos ante sua insubordinação e resistência, refletindo o que os discursos pautados nessa seara procuram estabelecer nas relações entre os corpos.

1.2. O espaço escolar e as questões de Gênero

A escola, como parte da constituição social, também contribui com a construção das identidades dos sujeitos. Como elucida Louro:

[...] as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2016, p. 18)

Através desta compreensão, percebemos a importância de se inserir debates sobre gênero e sexualidade no contexto escolar. Professores/as, gestores/as, funcionários/as em geral, todos/as os/as sujeitos/as da escola que lidam diretamente com as crianças e jovens precisam ser estimulados/as a refletir, discutir, debater estas questões a fim de que as marcas deixadas por essa instituição não venham a ser negativas, como há tempo têm sido, na construção identitária dos sujeitos.

Ante a premissa de que a temática de gênero perpassa uma amplitude de relações sociais interferindo substancialmente entre os sujeitos e as formas de constituição do ser, é importante refletir sobre a forma, por meio da qual a instituição escolar aborda as questões de gênero no âmbito educacional e em que medida essa instituição, ao inserir as questões de gênero no seu conteúdo didático, reforçam ou desestabilizam as desigualdades atribuídas aos corpos.

No espaço escolar, pode-se verificar que a configuração espacial, a disposição das cadeiras, do tempo, o discurso permitido e o proibido, os materiais didáticos, e, destacadamente, os livros didáticos, tudo, minuciosamente, procura imprimir aos corpos aquilo que um sujeito pode ou não acessar. Louro nos alerta sobre esta questão:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas (LOURO, 1997, p.59).

A proporção e alcance destes discursos não ditos podem ser percebidos dentro da compreensão de que todas as dimensões do ambiente escolar, para além do currículo oficial, estão articuladas na promoção de processos de ensino e aprendizagem.

Trata-se do chamado currículo oculto, que envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos (MOREIRA, 2007, p. 18).

É por meio deste processo de “afiar os sentidos”, que se destaca o livro didático como importante instrumento de propagação de concepções de gênero, este que ainda perfaz um dos principais elementos educativos no universo da aprendizagem na escola. E assim o é, pois, através dele, é possível acessar o conhecimento histórico, técnico e, também, político. O corpo, que nada mais é do que espaço político de valorações subjetivas construídas no contexto social, não foge a essa abordagem didática. Assim, por conseguinte, abordaremos acerca do livro didático e o papel que esse material consubstancia no ambiente escolar.

1.3. O livro didático materializando discursos

Na história da Educação brasileira, os livros didáticos têm sido instrumentos pedagógicos importantes no contexto escolar. Muitos estudos e pesquisas têm mostrado a recorrência desse material em salas de aula e sua valorização pelos educadores e educadoras. Nem todos os livros que permeiam o ambiente escolar são considerados didáticos. O livro didático é aquele utilizado de maneira sistemática por professores/as e alunos/as nas salas de aula. Como aponta Lajolo:

[...] para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já

consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor (LAJOLO, 1996, p.4).

Logo, os outros livros utilizados na escola, com fins didáticos, mas que não se encaixam no perfil descrito acima, podem ser chamados de paradidáticos. Além de exprimir conteúdos conceituais escolares propriamente ditos, o Livro Didático, por ser um recurso de sistematização de conhecimentos sociais, também é percebido como material que expressa ideologias e valores. Para Furtado e Gagno:

O livro didático, além de ser tratado como mais um entre outros recursos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem, é principalmente, um recurso cultural que insere o estudante em um determinado contexto histórico-político. A sua eficiência está relacionada diretamente a forma como o professor conduz este material de apoio no seu planejamento. Destaca-se que neste âmbito, a escola pode ser compreendida como um veículo onde a cultura pode ser disseminada no entorno escolar por meio do livro didático. Sendo assim, esse material pode ser um instrumento de condução de ideias com valores éticos, morais, sociais e culturais (FURTADO E GAGNO, 2009, p.124).

Partindo da compreensão da importância do livro didático nas práticas educativas escolares, foi implantado em 1985, a partir do decreto nº 91.542, de 19/8/85, como substituição ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Este programa tem o objetivo de selecionar, avaliar e distribuir livros didáticos, obras literárias e dicionários a todos os estudantes da educação básica do país (exceto da educação infantil), matriculados na rede pública de ensino. O PNLD é subsidiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e é parte integrante da meta 2 do Plano Nacional de Educação (PNE), 2014/2024.

É importante salientar que o artigo 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n, ° 9394/96), inciso VIII menciona a necessidade de programas de apoio ao material pedagógico quando diz que “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante garantia de

atendimento do educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 2010, p. 10). Por meio dessa disposição, percebemos a relevância que o material didático apresenta para as escolas, estando inserido no mesmo contexto que alimentação e assistência à saúde.

Ressaltar a importância do livro didático como recurso do docente em seu fazer pedagógico por meio de uma Política Pública de alcance nacional é valorizar o processo de aprendizagem educacional proposto em sala de aula. O PNLD, através de seus mecanismos de avaliação, busca se estruturar num padrão de qualidade que consiga atender a diversificada demanda nacional, dando, ainda que com ressalvas, a possibilidade de escolha aos/as docentes do Brasil quanto ao livro didático a ser utilizado em sua sala de aula. Neste sentido, o programa tem, dentre seus princípios, a observação e exclusão do processo de seleção do material, obras didáticas que contenham:

[...]estereótipos e preconceitos de condição social, regional, étnico- racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos; fizerem doutrinação religiosa ou política, desrespeitando o caráter laico e autônomo do ensino público (BRASIL, 2014, p.47).

Por meio do contato com esse princípio do PNLD nos questionamos se, de fato, esses preconceitos e estereótipos foram excluídos dos Livros Didáticos. Quais são, por exemplo, as masculinidades e feminilidades presentes nesses materiais? Ou há um modelo hegemônico destas categorias apresentado nos livros? As representações de gênero nos Livros Didáticos aparecem de forma “implícita” e precisam de uma leitura e observação mais profundas.

Faz-se necessário, por isso, para além do programa, salientar a relevância do papel de mediador/a do/a docente no processo de condução das atividades com o material didático. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) discorrem sobre a importância do livro como material didático nas práticas das escolas no Brasil e ponderam: “É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que

apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos” (BRASIL, 1997, p.67). É função do/a professor/a, no que se refere ao trabalho com os livros didáticos na escola, perceber e elaborar discussões acerca de certas ideologias nocivas à educação, contribuindo para a formação de cidadãos/ãos livres de preconceitos e conscientes de seu verdadeiro papel dentro de uma sociedade democrática.

Os significados que, em torno do livro didático, o aluno vai construir ou alterar, precisam, por um lado, corresponder aos padrões de conhecimento da sociedade em nome da qual a escola estabelece seu projeto de educação. Por outro, os significados que o livro veicula podem também questionar o conhecimento até então aceito como legítimo. (LAJOLO, 1996, p. 6)

A escola, espaço de humanização e construção do sujeito, requer, indiscutivelmente, seja instituição de erradicação das discriminações negativas e, não só, mas ainda, fomentadora de uma formação humana do indivíduo. Nesse sentido, Morin pondera: “A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana” (MORIN, 2011, p.43).

Através desta percepção, é relevante atentar para as formas de compreender o gênero que são perpetradas didaticamente, reforçando preconceitos e, através de que compreensão é possível superar o caminho que leva às desigualdades, ascendendo a uma formação do sujeito aliada ao fortalecimento da dignidade humana.

CAPÍTULO 2 – Dos meios para chegar aos fins: O percurso metodológico

2.1. Seleção do *corpus*

Compreendendo o universo escolar como constituinte de uma realidade social complexa e historicamente situada, integrada por sujeitos, a pesquisa, ora proposta, tem como base uma abordagem qualitativa, uma vez que não se pode mensurar quantitativamente os significados atribuídos às questões de gênero. Nesse sentido, aponta Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21).

Para fins de revisão de literatura, realizamos um levantamento bibliográfico inicial sobre estudos de gênero e livros didáticos, através das principais plataformas de trabalhos científicos do Brasil, sendo elas o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Foi possível, desta forma, abranger algumas das principais modalidades de produção científica, como artigos, teses e dissertações.

Quanto ao procedimento, a pesquisa tem caráter, eminentemente, documental, sendo analisados livros didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como suporte a esta análise, também serão utilizados documentos oficiais do governo sobre o PNLD. De acordo com Pádua, a pesquisa documental:

É aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizadas nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências; [...] (PÁDUA, 2012, p.68)

A seleção dos livros analisados se deu através de dados estatísticos obtidos pelo endereço eletrônico do PNLD³, em que constam, dentre outros dados, as coleções de livros didáticos mais distribuídas no Brasil em diversos anos. A escolha da análise do material correspondente ao ano de 2016 processou-se devido ao fato de que as seleções realizadas pelo programa em questão têm validade de três anos, tendo sido realizada, no referido ano, a última seleção para os anos iniciais do Ensino Fundamental, com validade até o ano de 2018.

Através dos dados do PNLD 2016, selecionou-se para análise a coleção mais adquirida pelas escolas da rede pública do país, sendo ela: Projeto Ápis (Editora Ática), a coleção mais selecionada para todos os componentes curriculares (Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências e Matemática). (Ver tabelas em Apêndice A)

O PNLD traz a possibilidade de o/a professor/a escolher seus livros, através do Guia do Livro Didático, de acordo com uma pré-seleção realizada por especialistas das diversas áreas do conhecimento escolar. Dessa maneira, os livros analisados (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências) traduzem a escolha de professores/as da rede pública do país. Optamos por analisar o material destinado ao segundo ciclo do Ensino Fundamental (4º e 5º anos), visto que este ciclo abrange, majoritariamente, crianças na faixa etária entre 8 e 12 anos e é por volta deste intervalo de idade que, de acordo com as teorias psicogenéticas (LA TAILLE, 1992), as crianças internalizam as normas e papéis sociais, que refletem e são reflexos das identidades de gênero. Amaral (2000), resgatando a teoria Walloniana sobre o estágio categorial (entre 6 e 11 anos), aponta:

A escola exige a participação em relações diversificadas, mais flexíveis que as relações até então mantidas na família. O exercício de diferentes papéis com solicitações diferentes a leva (a criança) a uma crescente individuação, a se perceber cada vez mais como um *eu* em relação a *outros*, em um processo de conflitos e cooperação com os demais. É no confronto de seu interesse com os outros que vão-se definindo melhor para ela os papéis que lhe competem (AMARAL, 2000, p.53).

³ Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>> Acesso em: 10 de novembro de 2017.

É conveniente ponderar, entretanto, que as considerações sobre as questões de gênero não devem ser ignoradas nos estágios anteriores de desenvolvimento da criança, compreendendo a impossibilidade de desconsiderar um espectro da formação identitária no processo educativo. Porém, para fins da pesquisa, é necessário que se faça um recorte com o fito de possibilitar uma melhor apreensão e análise detalhada dos dados.

2.2. Procedimentos de análise

Outrossim, uma vez que o ensino deve se pautar na busca pela igualdade, dentro da diversidade, é fundamental analisar o conteúdo presente nos materiais didáticos selecionados, a fim de verificar de que forma demarcam socialmente as diferenças de gênero através da linguagem didática, e como essas disposições podem colaborar ou desqualificar os potenciais das pessoas no âmbito educacional.

De acordo com Louro:

[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos e comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc). (LOURO, 1997, p. 67)

Através desta compreensão, baseamo-nos na Análise de Conteúdo para desenvolver a metodologia de análise dos dados, visto que, observando a materialização da linguagem nos textos dos livros selecionados, considerando formas textuais recorrentes e imagens associadas aos diferentes sujeitos, realizamos um processo de categorização, por intermédio do qual buscamos sistematizar ideias referentes às características, qualidades e comportamentos, produzidos socialmente, que subjazem as identidades de gênero.

Através da leitura dos livros didáticos em questão, estabelecemos algumas categorias que foram utilizadas na pesquisa para observar as representações de gênero, sendo elas:

- Atividade profissional (profissões associadas a homens e mulheres)
- Atividades lúdicas (ações recreativas, brinquedos e brincadeiras desenvolvidos por meninos e meninas)
- Organizações familiares (arranjos e relações estabelecidas pelas famílias)
- Pessoas e Personalidades em destaque (Pessoas comuns e personalidades históricas referidas/os nos livros)

Estas categorias foram discutidas e estruturadas para que se pudesse atender, de maneira satisfatória, aos critérios necessários no processo de categorização. Como aponta Moraes (1999, p. 6), explicitando alguns destes critérios, “as categorias devem ser *válidas, exaustivas e homogêneas*. A classificação de qualquer elemento do conteúdo deve ser *mutuamente exclusiva*. Finalmente uma classificação deve ser *consistente*.”

Para Moraes, além disso:

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. (MORAES, 1999, p.2)

Por essa metodologia, fez-se possível analisar de que forma o conteúdo de gênero abordado nos livros didáticos elencados para a análise podem contribuir para a construção da identidade da pessoa no âmbito escolar calcada na busca pela igualdade de gênero, levando em conta a diversidade que lhe é inerente.

CAPÍTULO III – Livro didático: Emoldurando identidades

Por meio das análises realizadas ao material didático selecionado, apresentaremos neste capítulo algumas das representações das identidades de gênero encontradas nos livros. Em um primeiro momento, considerando a importância de conhecer o que dizem as recentes pesquisas sobre gênero nos livros didáticos, apresentamos uma revisão inicial da literatura. Em seguida, explorando os livros didáticos da coleção Ápis, serão apresentados, por meio de cada categoria, os achados sobre as identidades de gênero e sua materialização nos livros de cada componente curricular, dessa forma será possível observar as diferenças e semelhanças do tratamento desta temática em cada área do conhecimento escolar. Por fim, uma consideração geral sobre a análise, englobando todos os componentes e confrontando os dados encontrados em cada livro.

3.1. Gênero nos Livros Didáticos: O que dizem as pesquisas?

Para uma compreensão mais ampla do cenário em que está inserida a temática de gênero e livros didáticos na escola, parece-nos fundamental conhecer o que vem sendo discutido nas produções acadêmicas da área da educação em nosso país. O levantamento dos trabalhos recentes permite um maior refinamento da pesquisa, no sentido de possibilitar a ampliação do campo teórico no que diz respeito à temática específica da investigação.

A revisão bibliográfica, ora realizada, embasou-se nos conteúdos encontrados através dos sites do Portal de periódicos da CAPES, da BDTD e dos anais da ANPED. Foram selecionados, assim, os artigos, dissertações e teses dentro de um período de dez anos (2008 a 2018) e que se inseriam na área da Educação. Para que se pudesse realizar uma busca mais precisa em relação à temática, utilizou-se como descritor fixo o termo “livro didático”, relacionando-o com outros descritores, como: “gênero”, “sexualidade”, “mulheres” e “feminismo”. Realizou-se, entretanto, um levantamento inicial, que, em outras ocasiões de pesquisa, poderá ser aprofundado.

Através de uma leitura exploratória dos textos acadêmicos encontrados que relacionavam-se com a temática estudada, foi realizada uma seleção daqueles que mais se aproximavam da pesquisa ora realizada. Alguns dos critérios utilizados para esta seleção foram: trabalhos que analisassem livros recentes, de, no máximo, dez anos atrás, visto que buscamos compreender como, hoje, através das discussões que se tem construído na sociedade sobre gênero, se materializam as concepções acerca dessa temática no material didático, entendendo que livros mais antigos, provavelmente, estarão pautados nas concepções sociais de gênero da época; e trabalhos que analisassem livros presentes no PNLD, considerando a importância da análise e seleção do material pelo programa.

Possibilitando uma melhor visualização dos trabalhos que constituem essa revisão, construiu-se a tabela apresentada a seguir, na qual se inserem o título das pesquisas selecionadas, a autoria, o ano e o local de publicação, além do componente curricular e ciclo ao qual se destina(m) o(s) livro(s) didático(s) analisado(s) nas produções.

Tabela 1 - Trabalhos científicos que abordam a temática de gênero nos livros didáticos.

ANO/ LOCAL	TÍTULO	AUTORIA/ NATUREZA	LIVROS ANALISADOS
2011/ Maceió	O Lugar, a presença e o tratamento dado às mulheres no livro didático da EJA: espaço negado, espaço reivindicado	Dalva de Oliveira Costa/ Dissertação	Educação de Jovens e Adultos
2014/ São Paulo	Ensino de ciências naturais, livros didáticos e imagens - investigando representações de gênero	Zaida Barros Dias/ Tese	Ciências Naturais/ Anos Finais do E.F.
2014/ João Pessoa	Identidades de gênero e currículo - o discurso veiculado nos livros didáticos	Wilderlane Costa de Oliveira/ Dissertação	Língua Portuguesa/ Anos Iniciais do E.F.
2015/ João Pessoa	Relações de gênero em livros didáticos de Língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino	Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos/ Dissertação	Língua Portuguesa/ Anos Finais do E.F.
2015/ Chapecó	Representações de gênero em livros didáticos - imagens e seus sentidos	Elise Helene Moutinho e Bernardo de Moraes/ Dissertação	Multidisciplinar/ Anos Iniciais do E.F.
2015/	“É Bom Aprender”- Discussões	Francisca Jocineide da	Educação de

ANO/ LOCAL	TÍTULO	AUTORIA/ NATUREZA	LIVROS ANALISADOS
João Pessoa	sobre gênero e diversidade sexual nos livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos	C. e Silva/ Artigo	Jovens e Adultos
2016/ Campinas	O livro didático de geografia e as questões de gênero	Glauber B. A. Costa e Débora Nunes Dantas/ Artigo	Geografia/ Ensino Médio
2016/ Londrina	Entre permanências e subversões - a composição visual feminina nos livros didáticos de história	Marília A. Bernardelli/ Dissertação	História/ Anos Iniciais do E.F.
2016/ Florianópolis	Gênero em livros didáticos de história aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014	Gabriela S. Celestino/ Dissertação	História/ Anos Finais do E.F.
2016/ Porto Alegre	(In)visibilidade das mulheres brasileiras nos livros didáticos de história do Ensino Médio (PNLD, 2015)	Paolla U. Monteiro/ Dissertação	História/ Ensino Médio
2016/ São Paulo	Gênero, Discurso e Sentido- O masculino e o feminino no livro didático	Florisbete de J. Silva, Edvânia G. da Silva e Adilson Ventura da Silva/ Artigo	Língua Portuguesa/ Anos Finais do E.F.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

De acordo com o que se observa na tabela, a maior parte das pesquisas realiza a análise de livros de um único componente curricular (História, Língua Portuguesa, Geografia ou Ciências da Natureza). Além disso, percebe-se, nos livros analisados pelas pesquisas, uma variedade entre as modalidades de ensino e os ciclos, estando contemplados tanto os anos iniciais quanto finais do Ensino Fundamental, bem como Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Em relação aos títulos dos trabalhos, nota-se que as dissertações de Dalva de Oliveira Costa (2011), intitulada “O Lugar, a presença e o tratamento dado às mulheres no livro didático da EJA: espaço negado, espaço reivindicado”; de Marília A. Bernardelli (2016), “Entre permanências e subversões - a composição visual feminina nos livros didáticos de história”; e de Paolla U. Monteiro (2016), de título “(In)visibilidade das mulheres brasileiras nos livros didáticos de história do Ensino Médio (PNLD, 2015)”, realizam um

recorte mais focalizado nas mulheres e sua presença/ausência nos materiais didáticos, enquanto as demais produções, não especificam essa questão no título ou evidenciam as relações e representações masculinas e femininas.

Nessa revisão bibliográfica inicial, pôde-se verificar a atualidade da discussão da temática de gênero relacionada ao contexto escolar, e, mais especificamente, sua corporificação nos materiais didáticos. Na tabela 1, por exemplo, visualiza-se que boa parte das produções foram construídas entres os anos de 2015 e 2016. Apesar do aumento no número de pesquisas realizadas sobre a temática em questão e, do mesmo modo, da existência dos critérios de seleção do material didático adotados pelo PNLD, a maioria das investigações aponta para a perpetuação de estereótipos de gênero nos livros didáticos.

Em 2016, na dissertação “Gênero em livros didáticos de história aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014”, de Gabriela S. Celestino (2016), e, no mesmo ano, na dissertação de Marília A. Bernardelli (2016), intitulada “Entre permanências e subversões - a composição visual feminina nos livros didáticos de história”, por exemplo, em que foram analisados volumes aprovados pelo PNLD 2013 (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e pelo PNLD 2014 (Anos Finais do Ensino Fundamental), do componente curricular de História, constata-se que a inclusão de representações de mulheres nos livros didáticos tem sido efetivada, entretanto, as autoras compreendem que ainda se perpetuam algumas formas de preconceito em relação às mulheres, visto que ainda são maioria em profissões relacionadas ao âmbito doméstico e escolar. Além disso, abordam a necessidade de uma análise mais profunda acerca desses papéis sociais pré-estabelecidos presentes nestes materiais, compreendendo que a mera inclusão de representações femininas, não suscita à reflexão sobre os processos de exclusão.

Os trabalhos que analisam livros didáticos de Língua Portuguesa, “Relações de gênero em livros didáticos de Língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino” de Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos (2015); “Gênero, Discurso e Sentido- O masculino e o feminino no livro didático” de Florisbete de J. Silva, Edvânia G. da Silva e Adilson

Ventura da Silva (2016), em que foram analisados volumes de uma mesma coleção do PNLD 2014 (Anos Finais do E.F.); e “Identidades de gênero e currículo - o discurso veiculado nos livros didáticos”, de Wilderlane Costa de Oliveira (2014), que analisou livros dos anos iniciais do E.F., destacam grande presença de desigualdades nas relações e representações do feminino e masculino. Nas palavras de Barros (2015, p.85): “O livro didático [...] não apresentou no nosso estudo nenhum indício de ser veículo de mudança das relações de gênero, opostamente, revelou-se como instrumento de consolidação e permanência da cultura machista.”.

Nos materiais didáticos destinados ao público da EJA, analisados nas pesquisas dispostas na tabela 1, da mesma forma que nos livros de história, percebe-se um “avanço” em relação à presença de representações de mulheres, entretanto, compreende-se que os livros didáticos não contribuem diretamente para a desconstrução de concepções estereotipadas, utilizando-se, ainda, de uma linguagem sexista.

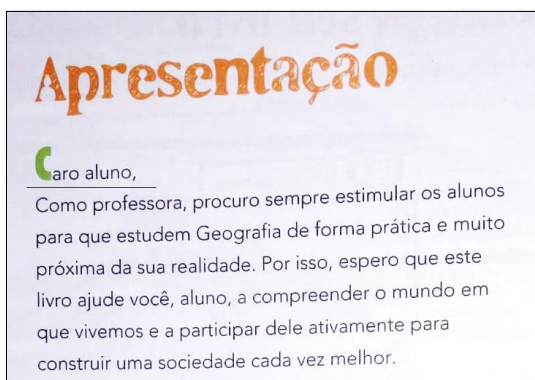
O contato com as produções acadêmicas aqui apresentadas, oportuniza a apreensão de algumas dificuldades no que se refere à construção de um material didático e, conseqüentemente, de um processo educativo, voltado à busca pela igualdade de gênero. Para uma melhor assimilação das dificuldades e potencialidades deste material, realizamos leitura flutuante das pesquisas elencadas, buscando uma compreensão global das questões de gênero e os significados a elas atribuídos nos livros didáticos já analisados.

3.2. Explorando as identidade de gênero nos livros didáticos

Buscando ampliar o olhar sobre as questões de gênero na escola e, mais especificamente, nos materiais didáticos utilizados pelas crianças, construiu-se a análise a seguir, em que são apresentadas as apreciações sobre os Livros Didáticos dos componentes curriculares de Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências e Matemática, dos 4º e 5º anos, considerando as categorias escolhidas para a realização da análise, a saber: Atividade Profissional, Atividades Lúdicas, Organizações Familiares e Pessoas e Personalidades em Destaque.

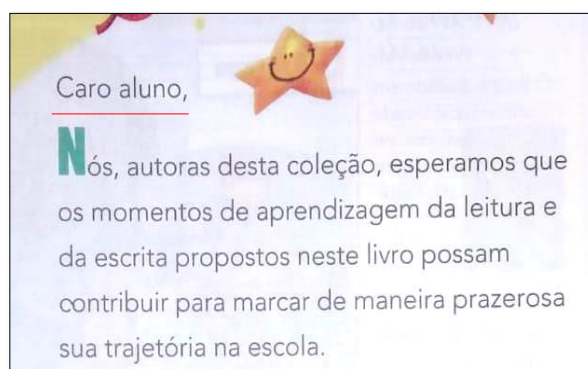
À parte as categorias acima mencionadas, por meio da observação dos livros, pôde-se, de pronto, perceber um uso generalizado da linguagem, referindo-se, na maior parte do material, ao gênero masculino. Essa generalização já se observa no texto introdutório da maioria dos livros da coleção (Língua Portuguesa/4º e 5º ano, História/4º e 5º ano e Geografia/4º e 5º ano), através dos quais os/as autores/as se referem ao “leitor” ou “aluno” (Figuras 1 e 2).

Figura 1



Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 3)

Figura 2



Fonte: BERTIN et al. (2015, 5º ano, p.3)

Nas elucidações de Auad (2016): “O uso do *masculino genérico* é comum, pois se refere até mesmo à regra gramatical, que recomenda que, para dirigir-se a um grupo misto, as palavras utilizadas devem ser de gênero masculino.” (AUAD, 2016, p.30). A autora questiona, entretanto, sobre a promoção da desigualdade através desta linguagem “neutra”, visto que desconsidera as identidades femininas.

As representações sobre o masculino e o feminino, além do sexo dos sujeitos, são utilizados para organizar as práticas escolares. São, contudo, silenciados nos discursos. Dessa forma, não se pensa sobre como a utilização desses elementos na organização do trabalho na escola pode promover situações de desigualdade. (AUAD, 2016, p.30)

Ao analisar a coleção Ápis (4º e 5º ano), inserida no PNLD/2016, restou evidente a utilização da linguagem “neutra” nos livros dos diversos componentes curriculares. Observa-se, por exemplo, que os livros de História, Geografia e Ciências, utilizam, em todos os momentos em que se referem a

professores, alunos ou colegas, mesmo no singular, o gênero masculino (Figuras 3, 4 e 5).

Figura 3

2 Com a orientação do professor, reúna-se com dois colegas e façam uma pesquisa sobre um grupo de imigrantes que veio para o Brasil.

Fonte: SIMIELLI (2015, 5º ano, p.71)

Figura 4

2 Troque ideias com seu professor e seus colegas, depois responda:
 a) Por que as pessoas moram nesses lugares?
 b) Por que muitos cortiços estão instalados em casarões antigos?

Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p.78)

Figura 5

5 Junto com um colega observe as imagens abaixo. Depois, respondam no caderno: como é que surge um fruto?

Fonte: NIGRO (2015, 4º ano, p. 38)

No próprio discurso utilizado no universo escolar, sublinha-se esse aspecto omissivo. Por meio das reflexões de Louro:

É impossível esquecer que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que “os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio” ela deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? (LOURO, 1997, p.66)

Através desse questionamento transparece a oferta de espaços viáveis à existência de determinadas identidades em detrimento de outras e de que forma elas “devem” se relacionar.

Por meio da leitura dos livros de Matemática, em contrapartida, observa-se que, na maioria das vezes, o autor refere-se à “professora” (Figuras 6, 7, 8).

Figura 6

- O que você achou mais difícil? Qualquer dúvida ou dificuldade, fale com a professora.

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 159)

Figura 7

A professora vai distribuir figuras como as representadas abaixo. Pinte cada uma delas seguindo as regras acima. Cole-as no caderno e, para cada uma delas, escreva quantas cores foram usadas. Depois confira com seus colegas.

Fonte: DANTE (2015, 5º ano p. 42)

Figura 8

1 Estimativas de medidas de comprimento

Atividade em dupla

Façam a estimativa, registrem no caderno e depois meçam para conferir.

Registrem também a medida real:

- do comprimento da lousa da sua sala de aula;
- da altura da porta da sala de aula;
- do perímetro do tampo da mesa da professora.

192 cento e noventa e dois

Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 192)

Se tomarmos como pressuposto que o uso da linguagem mais adequado seja o que faz referência à maioria numérica e que, de acordo com o Censo Escolar realizado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) em 2017, a maior parte dos/as professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental é de mulheres, com um percentual expressivo de 90% de professoras e apenas 10% de professores (BRASIL, 2018, p. 19), o livro de Matemática poderia ser considerado o que mais contempla o gênero feminino, no tocante à docência, na forma de usar a linguagem.

Por outro lado, quando observados os livros de Língua Portuguesa (4º e 5º ano), percebe-se outro tipo de uso da linguagem que também subverte o *masculino genérico*, visto que tenta expressar o feminino e masculino

(professor/a, amigo/a), incluindo no discurso tanto as meninas e mulheres, quanto os homens e meninos, o que nos parece bastante acertado visto a diversidade inerente ao ambiente escolar.

O uso dessa forma de linguagem percorre todo o material de Língua Portuguesa, assim como também ocorre no de Matemática ao utilizar o gênero feminino, entretanto, em alguns momentos dos livros, a linguagem masculina genérica torna a aparecer (Figuras 9, 10 e 11), o que demonstra a inconstância do discurso, que, em regra, leva a uma inconsistente consideração do gênero feminino.

Figura 9

Converse com os colegas e o professor sobre quais dessas atitudes vocês acham que contribuem para a segurança no trânsito.

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 257)

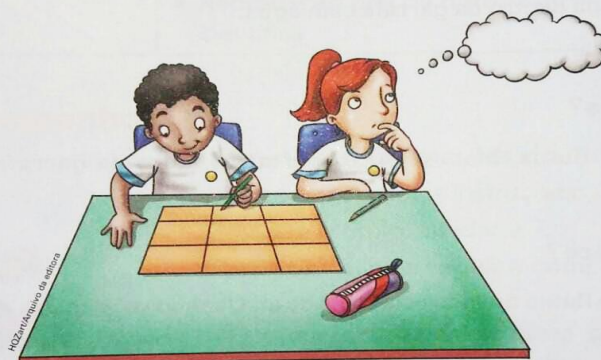
Figura 10

- Depois, mostre ao professor e a seus colegas o que você fez e veja também o trabalho deles.

Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 275)

Figura 11

- c) O professor colará as tiras de todas as duplas numa folha grande, a qual ficará exposta durante algum tempo.
- d) Escolham, entre as palavras da folha, nove palavras para preencher sua cartela.



- e) Quando todas as duplas tiverem preenchido sua cartela, o/a professor/a ditará aleatoriamente as palavras do cartaz.
- f) Ganhará a dupla que primeiro completar uma sequência da cartela, na horizontal, na vertical ou na diagonal.

Fonte: BERTIN et al. (2015, 5º ano, p.263)

Ao observar a figura 11 nota-se que, numa mesma página, são utilizadas duas formas de se referir ao/a professor/a, uma apenas no masculino e outra incluindo os dois gêneros, masculino e feminino. Fica evidente a irregularidade do uso de uma linguagem inclusiva. Também é possível observar, na figura 12, que, ao referir-se aos/às estudantes, as autoras desconsideram as leitoras meninas em alguns de seus textos.

Figura 12

3 Agora você é o escritor e está diante de um desafio: ampliar a ideia que teve com detalhes que deem mais emoção ao texto e envolvam o leitor. Reescreva o trecho a seguir e acrescente palavras ou expressões para alcançar seu objetivo. No quadro abaixo há algumas sugestões de lugar, de modo, de tempo, mas você poderá empregar outras que achar conveniente:

Fonte: BERTIN et al. (2015, 5º ano, p.245)

É interessante perceber, além disso, que os livros de Língua Portuguesa, mesmo utilizando os dois gêneros na maior parte de suas páginas, faz uso do termo “caro aluno” em seu texto introdutório. Os livros de Matemática, apesar de não fazerem uso dessa expressão no texto inicial e de utilizar, na maior parte dos livros, os termos no feminino, quando analisado mais detidamente, são os livros que apresentam mais estereótipos no que se refere as identidades de gênero. Observa-se, por exemplo, uma hierarquização inconteste em que os homens encontram-se, na grande maioria das vezes, em posição superior, possuindo bens, valores, imóveis e empreendimentos (Figura 13, 14, 15 e 16).

Figura 13

2 Sebastião tem uma loja de artigos de informática. Nela há 4 387 CDs. Ele mandou construir estantes com capacidade para guardar 8 000 CDs. Para quantos CDs ainda há espaço?

Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 123)

Figura 14

7 João comprou uma casa por R\$ 51 500,00 e gastou R\$ 7 600,00 em consertos que fez para vendê-la. Na venda teve R\$ 12 700,00 de lucro. Por quanto ele vendeu a casa?


Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 126)

Figura 15

d) Um comerciante investiu R\$ 15 200,00 na compra de brinquedos. Com a venda de todos eles, o comerciante arrecadou R\$ 17 200,00. Seu lucro foi de R\$.

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 68)

Figura 16

 O senhor Pedro comprou um carro por R\$ 33 275,00. No negócio, deu seu carro usado por R\$ 18 392,00 e pagou o restante em 3 prestações iguais. Qual foi o valor de cada prestação?

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 185)

Enquanto as mulheres aparecem, marcadamente, em situações cotidianas do lar: cozinhando, costurando, fazendo compras (Figura 17, 18, 19 e 20).

Figura 17


b) Elisa comprou uma máquina de costura e pagou da seguinte forma: uma entrada de R\$ 250,00 e mais três prestações de R\$ 275,00 cada uma. Quanto ela pagou pela máquina de costura?

Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 147)

Figura 18

b) Emília comprou 5 m de tecido e pagou R\$ 190,00. Quanto ela pagaria por 4 m?

c) Cláudio tem duas notas de R\$ 20,00, três notas de R\$ 10,00 e algumas notas de R\$ 5,00. No total, ele tem R\$ 135,00. Quantas são as notas de R\$ 5,00?




Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 90)

Figura 19

2 Para fazer pão de queijo, Tatiane comprou um queijo inteiro e mais a metade de outro queijo do mesmo tipo.

Indicamos assim: $1 + \frac{1}{2}$ ou $1\frac{1}{2}$.

Lemos assim: "um inteiro e um meio".



Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 132)

Figura 20

Rosana gastou R\$ 12,25 em frutas e R\$ 8,50 em legumes.
Quanto ela gastou no total? R\$ 20,75

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 220)

Ainda em relação à linguagem utilizada nos livros, pôde-se identificar, em todos os componentes, passagens nas quais consideramos que a linguagem poderia ser utilizada de maneira mais igualitária. No livro de Geografia (p.146) do 5º ano, por exemplo, após expor três imagens antigas, referentes ao período colonial, é solicitado que as crianças pesquisem, em outras fontes, imagens atuais que correspondam ao que é apresentado nas antigas (Figura 21).

Figura 21

2



Negra vendedora, de Joaquim Cândido Guillobet/Colégio Paulo Fontinha Greyer.

3



Sege e cadeira, de H. Chamberlain, 1819. Sege era uma espécie de carruagem usada pelas pessoas mais ricas, assim como a cadeira, ou liteira.

1 Com a orientação do professor, forme um grupo com seus colegas. Depois, para cada imagem acima, pesquisem uma imagem atual correspondente.

a) Para a imagem 1, procurem uma cena atual de rua de uma cidade brasileira;

b) Para a 2, encontrem uma imagem atual de um vendedor de rua;

Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 146)

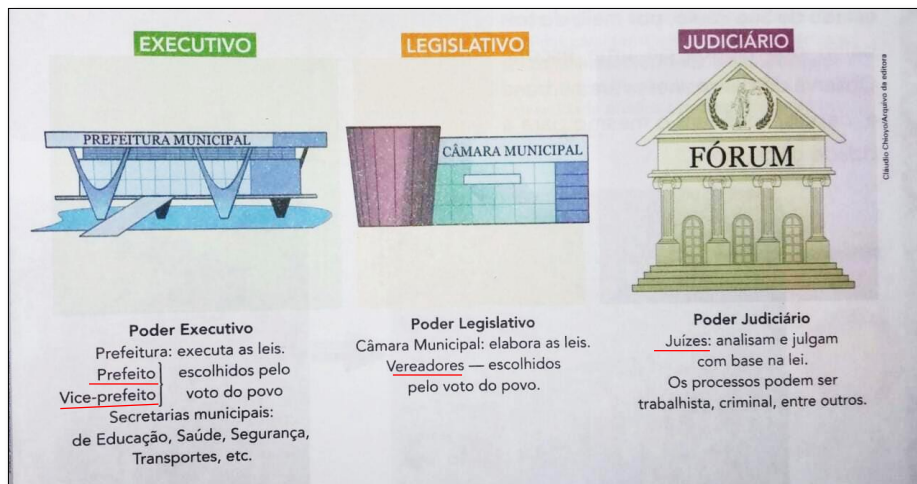
Dentro dessa proposta, a questão solicita que, em relação à imagem 2 (*Negra vendedora*, de Joaquim Cândido Guillobel, cerca de 1919) as crianças “encontrem uma imagem atual de um **vendedor** de rua.” [grifo nosso] (SIMIELLI, 2016, p. 146). Contraditoriamente, mesmo apresentando a imagem de uma mulher como vendedora, a autora pede que os/as estudantes encontrem imagem de um vendedor. O que poderia ser otimizado apenas com o uso do “/a” ao final da palavra.

Situação parecida ocorre no livro de Ciências (p.48) do 4º ano. Ao final da unidade, retomando os conteúdos, valores e atitudes estudados ao longo dos capítulos, são apresentadas três questões para reflexão dos/as estudantes. Dentre elas, uma se destaca, pois remete à entrevista de uma bióloga inserida no livro e questiona: “Qual é a sua opinião sobre o trabalho da **bióloga** que foi entrevistada nesta unidade? Você já pensou em, quando **mais velho**, estudar mais a fundo os seres vivos?” [grifo nosso] (NIGRO, 2015, p. 48). Mais uma vez, apesar de referir-se a uma mulher (bióloga), a linguagem do livro foi omissa quanto ao gênero feminino, excluindo as meninas da pergunta ao utilizar o termo “mais velho”.

Outra questão significativa, que diz respeito à linguagem utilizada no livro, tem relação com a descrição das profissões nos materiais. Tomaremos como exemplo, aqui, os livros de História e Geografia, do 4º ano. Neles, as páginas 115 e 93, respectivamente, abordam a temática da divisão dos poderes (executivo, legislativo e judiciário) no Brasil e nos Municípios. Para tanto, nos dois livros, são apresentadas imagens com a descrição da composição desses poderes. No livro de Geografia, o poder executivo municipal é representado pelo “prefeito” e “vice-prefeito”, já o legislativo é composto por “vereadores” e o judiciário por “juízes” (Figura 22). Já no livro de História, o poder executivo é composto “pelo presidente, governadores e prefeitos”, o judiciário por “juízes” e o legislativo por “senadores, deputados e vereadores” (Figura 23).

O livro de História ainda traz, em página anterior, repetidas vezes, termos referentes a estas funções no masculino singular, como, prefeito, vice-prefeito, secretário e vereador.

Figura 22



Fonte: SIMIELLI (2015, 4º ano, p. 93)

Figura 23

Poder Executivo

- Administra o país, os estados e os municípios.
- É representado pelos presidentes da República, pelos governadores de estado e pelos prefeitos.
- É eleito em eleições diretas.

Poder Judiciário

- Soluciona conflitos na sociedade aplicando a **Constituição** e as leis.
- É representado pelos juízes, promotores e procuradores, selecionados geralmente por concurso público.

Poder Legislativo

- Elabora as leis.
- É representado pelos senadores, deputados e vereadores.
- É eleito em eleições diretas.

Palácio do Planalto, em Brasília.
Sede do Poder Executivo federal.

Supremo Tribunal Federal, em Brasília.
Sede do Poder Judiciário federal.

Congresso Nacional, em Brasília.
Sede do Poder Legislativo federal.

Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2016, 4º ano, p. 115)

Nessa perspectiva, observa-se a naturalização, no discurso, da ausência de mulheres no cenário político de nosso país, mesmo tendo conhecimento da presença significativa das mesmas nesses espaços, inclusive ao termos tido uma presidenta mulher.

Outro exemplo intrigante no que diz respeito ao uso da linguagem como demarcadora dos espaços profissionais disponíveis para homens e mulheres, pode ser observado no livro de História do 5º ano (p.76). Ao referir-se às questões agrícolas, as autoras apresentam uma tabela intitulada “Profissões em alta no campo” (Figura 24).

Figura 24

Profissões em alta no campo	
<u>Garçom</u>	Empregado em hotéis-fazenda e outros centros de lazer.
<u>Administrador</u>	Dirige usinas de açúcar e álcool, indústrias de suco, empresas de reflorestamento, etc.
<u>Operador de máquinas</u>	Trabalha nas modernas máquinas das usinas e das indústrias ligadas ao campo.
<u>Arrumadeira</u>	Trabalha nos hotéis-fazenda e em condomínios residenciais ou de lazer.
<u>Técnico em computação</u>	Opera os computadores das usinas e das indústrias ligadas ao campo.
Motorista e tratorista	Trabalham na agroindústria e no setor de turismo e lazer.
<u>Pedreiro, marceneiro e carpinteiro</u>	Atendem à demanda de construções e obras diversas no campo.
Empregado na piscicultura	Trabalha em pesque-pague e em fazendas de criação de peixes.

Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 76)

Ao visualizar essa tabela, percebe-se que há uma série de profissões, apresentadas, em sua maioria, no gênero masculino (garçom, administrador, operador de máquinas, técnico em computação, pedreiro, marceneiro e carpinteiro), enquanto apenas uma está escrita no feminino: arrumadeira. Percebe-se, nesse caso, que às mulheres é atribuída uma função relacionada ao lar, de pouco prestígio, enquanto aos homens, as funções são das mais

diversas, inclusive em relação ao prestígio social, desde o pedreiro ao administrador.

Nesse sentido, compreende-se que a linguagem também demarca, nos livros analisados, os espaços destinados a cada sujeito na sociedade, quando atribui, de algum modo, características e atividades profissionais a um gênero em detrimento de outro, por diversas vezes, de maneira hierarquizada. Na seção seguinte, abordaremos com mais profundidade essas atribuições profissionais.

3.2.1. Atividade Profissional

Na análise da categoria 'Atividade Profissional' pôde-se constatar que nos livros do 4º e 5º ano, de todos os componentes curriculares, há uma maior variedade de profissões atribuídas ao masculino e, que são voltadas, essencialmente, para o exercício de atividades no âmbito público. Ao passo que, às mulheres, são atribuídas, em geral, funções relacionadas ao ambiente doméstico e/ou ao cuidado e educação, fortalecendo uma percepção estereotipada das capacidades laborais das mulheres.

Tal forma de exposição termina por menosprezar as mulheres nas suas reais potências para atuação nos mais diversos âmbitos, além de desvalorizar os espaços sociais já conquistados por elas. Afora isso, em termos quantitativos, se observa uma maior recorrência da assunção de funções profissionais vinculadas aos homens que às mulheres, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 2 - Quantidade de profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens nos livros do 4º e 5º ano

Componente curricular	Número de profissões relacionadas às mulheres	Número de profissões relacionadas aos homens
Matemática	10	28
História	15	29
Geografia	8	23
Ciências	13	20
Português	14	28
Total	60	128

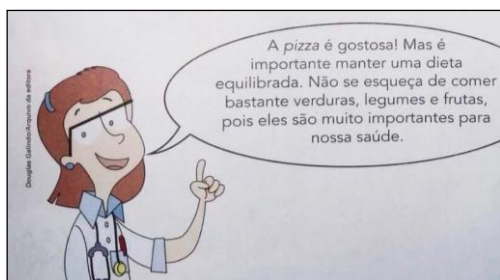
Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Conforme se pode depreender da tabela 1, em todos os componentes curriculares há uma diferença quantitativa de pelo menos 50% a mais nas atribuições profissionais destinadas aos homens. O livro de matemática apresenta a diferença mais expressiva, sendo 28 profissões relacionadas aos homens e 10 às mulheres, totalizando assim, 18 profissões a mais para os homens. Para uma percepção mais detalhada da categoria ora apresentada, segue-se uma análise individualizada de cada componente curricular.

3.2.1.1. Matemática

Nos livros do componente curricular Matemática, verificou-se que as atribuições profissionais voltadas para as mulheres se destinaram, em sua maioria, a atividades do lar e/ou de cuidados. Dessa forma, no livro do 4º ano, as funções de professora, costureira, artesã, cozinheira e nutricionista (Figuras 25 e 26) resumem todos os espaços profissionais ocupados pelas mulheres. (Ver tabela 2).

Figura 25



Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 223)

Figura 26



Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 112)

Em contraposição, os ofícios designados aos homens são, majoritariamente, associados ao espaço público, como por exemplo: farmacêutico, médico, vendedor, jogador e taxista. Além disso, o ofício de “empresário” aparece em quatro momentos do livro, enquanto nenhum espaço é destinado às mulheres nesta função. A profissão de “professor” também aparece quatro vezes ao longo do livro, entretanto, a de “professora” se observa em doze páginas do material, portanto, três vezes mais que a referência masculina.

Esta recorrência pode estar associada ao fato de o magistério ser ocupado, predominantemente, por mulheres, o que parece denotar a imbricação da tarefa de educar voltada ao compromisso feminino, sobretudo. Aliado a essa reprodução, está a baixa diversidade de funções destinadas à mulher, conforme se verificou na comparação ao espectro masculino.

Tabela 3 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Matemática do 4^o ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
		Jogador de basquete, futebol e vôlei (p. 35, 36, 112, 150);
		Eletricista (p. 107, 166);
	Professora (p.81, 112, 145, 174, 180, 197, 205, 212, 228, 231, 235, 271);	Caminhoneiro (p. 110); Empresário - livraria; loja de informática; loja de sapato (p.113, 123, 151, 154);
Matemática	Costureira (p. 161, 209);	Professor de educação física (p 116);
	Artesã (p. 167);	Farmacêutico (p.122);
	Cozinheira (p. 223);]	Recenseador do IBGE (p. 129);
	Nutricionista (p. 223);	Taxista (p. 131); Pipoqueiro (p. 144); Professor (p. 22, 70, 117, 161); Vendedor (p.43); Confeiteiro (p.177); Médico (p.265);
Total	5	14

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Sobre essa determinação da mulher ao espaço privado e do homem ao espaço público, pondera Louro:

[...] essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como “produção-reprodução”, público-privado”, “razão-sentimento”, etc. Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual o *outro se deriva*, conforme supõe o pensamento dicotômico. Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos “amarra” numa posição que é, aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar “natural” e fixo para cada gênero. (LOURO, 1997, p. 32).

Faz-se, por isso, necessária a desconstrução dessas premissas, e com isso, perceber que a oposição é construída, e não inerente e fixa. A desconstrução se investe na busca pelos processos e condições que estabeleceram os termos da polaridade, implodindo-a. A desconstrução requer, pois, que se revise a história da polaridade e a hierarquia que lhe é imanente.

Em seguida, no livro do 5º ano persiste a mesma forma de designação de funções profissionais em relação ao do 4º ano, isto é, destinação de papéis profissionais internos, voltados ao lar, cuidado e educação às mulheres e externos aos homens (Ver tabela 3).

Nesse sentido, mesmo que se tenha atribuído à mulher, em uma única página no livro (p.83), o ramo de empresária (em loja de roupas) e, em outra, bibliotecária (p. 96), ainda se mostram muito restritas as possibilidades de participação profissional da mulher no ambiente externo. Observa-se que, três das cinco profissões presentes no livro do 5º ano, também estão presentes no do 4º ano (professora, costureira e nutricionista), evidenciando uma restrição à participação das mulheres em outros espaços profissionais.

Tabela 4 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Matemática do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
-----------------------	--------	-------

Componente Curricular	Mulher	Homem
Matemática		Professor de educação física (capa);
		Professor (p. 17, 185);
		Eletricista (p. 52, 224);
		Vendedor (p. 58, 216);
	Professora (p. 20, 85, 88, 89, 95, 99, 126, 131, 132, 134, 137, 209, 211, 212, 229);	Caminhoneiro (p.67, 240, 259);
	Empresária – loja de roupa (p. 83);	Comerciante (p.68, 101, 114);
	Bibliotecária (p. 96);	Empresário - loja de tecido (p. 99);
	Nutricionista (p.107);	Médico (p. 101);
	Costureira (p.203).	Atleta - jogador de futebol (p. 122);
		Pedreiro (p.157);
	Arquiteto (p.168)	
	Pescador (p. 216);	
	Açougueiro (p. 242);	
	Fazendeiro (p. 243).	
Total	5	14

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

A partir da verificação das profissões presentes nos dois livros, pôde-se constatar uma notória desigualdade de atribuições, tanto qualitativa, quanto quantitativamente, na relação gênero *versus* profissão, destinando maior visibilidade aos homens. Essa maneira de dispor as atividades profissionais pelos gêneros, nos livros didáticos, dificulta a tratativa que reconheça a igualdade de gênero nas oportunidades profissionais, pelo/a educador/a, vez que os materiais, ora analisados impõem aos/às estudantes, de forma subjacente, a assimetria dos espaços para as profissões que podem ser assumidas por ambos os gêneros.

Sem contar que, o binarismo de gênero, fixado entre os dois extremos feminino/masculino, solapam a afirmação de inúmeras identidades que estão entre esses pólos, negando-as e excluindo-as da linguagem, imputando pelo silêncio a inexistência da diversidade de gênero ínsita aos corpos. Segundo Louro:

[...] tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado - sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados (LOURO, 1997, p.67).

Dessa forma, atentou-se para a análise de conteúdo subjacente acerca das identidades de gênero que, ao invés de problematizar as posições sociais determinadas para ambos os polos generificados, os dispendo de forma isonômica, se desincumbiu dessa tarefa, enveredando pela reprodução das desigualdades por meio de um discurso subliminar.

3.2.1.2. Geografia

Nos livros de Geografia analisados, assim como nos de Matemática, apresenta-se uma quantidade pouco expressiva de mulheres exercendo atividades profissionais. O livro do 4º ano, por exemplo, em toda a sua extensão (159 páginas), traz apenas duas vezes a figura da mulher em exercício profissional: trabalhadora de colheita e, mais uma vez, professora (Ver tabela 4). Em comparação, os homens aparecem doze vezes em ocupações especializadas, seis vezes mais em relação às mulheres (Figura 27 e 28).

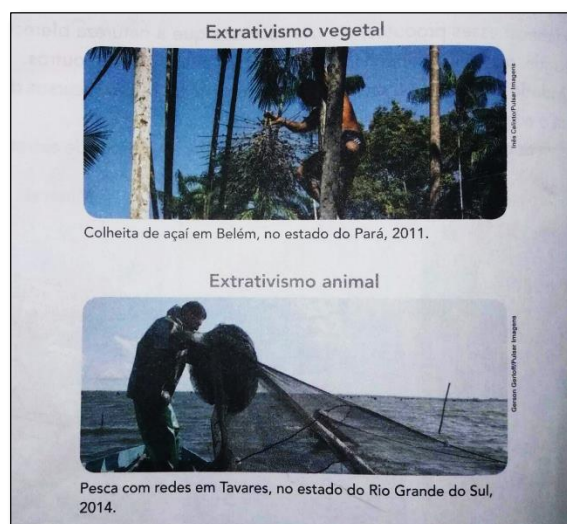
Novamente, no livro destinado ao 5º ano, observa-se a figura da professora, que aparece ainda mais expressivamente, isto é, três vezes. A questão que se traz diz respeito não a presença de mulheres na função de professoras, mas, principalmente, a ausência dos homens nessa ocupação. Assim, nota-se que neste livro há uma quantidade maior de profissões associadas às mulheres em relação ao do 4º ano (Ver tabela 5).

Tabela 5 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Geografia do 4º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Geografia	Trabalhadora de colheita (p. 115); Professora (p. 129).	Vendedor (capa);
		Artista (p. 40);
		Garimpeiro (p. 43);
		Pescador (p.49, 50, 74, 75);
		Extrativista (p.50);
		Seringueiro (p. 51);
		Operador de máquina (p. 75, 83);
		Entregador (p. 102);
		Trabalhador de colheita (p. 115);
		Pedreiro (p.115);
		Agricultor (p. 42, 144, 152);
		Coronel (p. 145).
Total	2	12

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Figura 27



Fonte: SIMIELLI (2015, 4º ano, p. 50)

Figura 28



Fonte: SIMIELLI (2015, 4º ano, p. 152)

Apesar de incluir as mulheres em profissões voltadas ao âmbito externo, são ocupações de pouco reconhecimento social (feirante, quebradora de coco, fabricante de farinha de mandioca), o que revela inconsistente o simples acréscimo quantitativo.

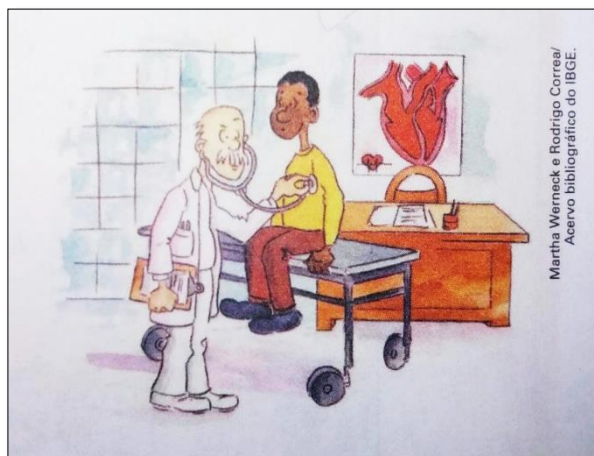
Tabela 6 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Geografia do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Geografia		Ilustrador (p. 14);
		Alpinista (p. 43);
	Professora (p. 22, 27, 84);	Agricultor (p. 78);
	Feirante (p. 58);	Médico (p. 89);
	Operadora de máquina (p. 112);	Pecuarista (p. 106);
	Quebradora de coco (p. 121);	Colhedor de uva (p. 110);
	Fabricante de farinha de mandioca (p. 122);	Charqueadores (p. 113);
	Tecelã (p. 147).	Fabricante de farinha de mandioca (p. 122);
		Seringueiro (p. 133);
		Pescador (p. 133);
	Artista (p. 145).	
Total	6	11

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Nesta obra, a abordagem do conteúdo geográfico volta-se, frequentemente, para a temática rural. Não obstante esse contexto, onde predominam funções essencialmente agrárias (agricultor, pecuarista, seringueiro) algumas funções desenvolvidas pelos homens neste material (médico, alpinista, artista e ilustrador) detêm maior reconhecimento social que as destinadas às mulheres (Figura 29).

Figura 29



Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 89)

Além disso, as profissões de maior esforço corporal estão relacionadas aos homens (garimpeiro, extrativista, pedreiro), refletindo uma concepção biologizante e naturalizada que associa as identidades femininas à sensibilidade e fragilidade, enquanto às masculinas, à força e virilidade. Nesse sentido, para Louro:

São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural” (LOURO, 1997, p. 63).

Dessa forma, através da apreciação do material, observa-se de que maneira os locais onde os corpos podem existir são constituídos e como se projetam na mente do/a educando/a as posições tidas por naturais.

3.2.1.3. Ciências

Nos livros de Ciências, a quantidade de profissões aparece muito mais equilibrada entre os gêneros que nos materiais de Matemática e Geografia. No LD do 4º ano, por exemplo são associadas oito profissões às mulheres e 10 aos homens, apenas 20% a mais ao gênero masculino (Ver tabela 6).

Tabela 7 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Ciências do 4º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Ciências	Bióloga (p.14);	
	Técnica do Projeto Tamar (p. 29);	Pesquisador (p. 16);
	Coordenadora da Vigilância em Saúde Ambiental (p. 67);	Técnico do Projeto Tamar (p. 29);
	Superintendente de vigilância em saúde (p.71);	Salva-vidas (p.50);
	Infetologista (p. 72);	Agricultor (p.57);
	Professora (p. 98, 104, 176);	Sargento (p.60);
	Funcionárias de fábrica de reciclagem (p. 118, 123);	Professor (p. 92);
	Artista plástica (p. 138, 146).	Gari (p. 112, 122);
	Prefeito (p.125);	
	Engenheiro elétrico (p. 162);	
	Vendedor (p.185).	
Total	8	10

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

O que se percebe em termos qualitativos, entretanto, tanto no livro do 4º, quanto no do 5º ano (Ver tabela 7) é que as funções, nitidamente mais relacionadas ao aspecto do cuidado (coordenadora de vigilância sanitária, infectologista, pediatra) estão associadas às mulheres, contribuindo para reforçar a dicotomia público/privado coligado ao binarismo homem/mulher. Assim, percorrendo as obras, evidenciam-se as atividades mais distintas sendo atribuídas ao gênero masculino (astrônomo, inventor, sargento, engenheiro, pesquisador).

Tabela 8 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Ciências do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
------------------------------	---------------	--------------

Componente Curricular	Mulher	Homem
Ciências		Professor de ginástica (capa);
		Jardineiro (p. 9, 20);
	Professora de ginástica (capa);	Biólogo (p. 12);
	Bióloga (p. 12);	Astrônomo (p. 40);
	Ecóloga (p. 16);	Professor de educação física (p. 55);
	Pediatra (p. 97);	Atleta (p.58, 61, 62);
	Nutricionista (p. 109, 124);	Inventor do microscópio e fabricante de lentes (p. 88, 155);
	Médico (p. 124);	
	Segurança (p. 141);	
	Bombeiro (150,151).	
Total	5	10

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

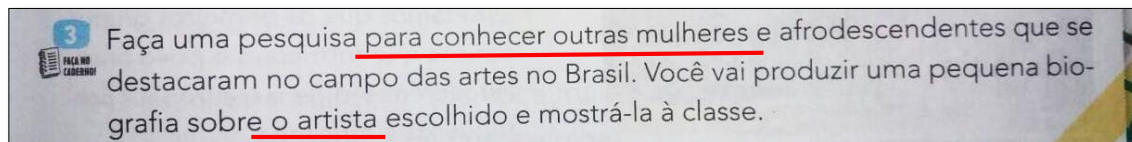
Por esse sentido, a forma de abordagem subliminar das profissões, através dos conteúdos lecionados, termina por reforçar, em dois períodos letivos subsequentes, aos estudantes, a inferência do espaço feminino mais voltado às questões relacionadas ao âmbito privado, ao passo que demarca permissões incomparáveis ao gênero masculino.

3.2.1.4. História

Por meio da análise dos livros de História, tanto do 4º, quanto do 5º ano, observou-se uma questão bastante particular quanto à forma de dar visibilidade à identidade de gênero feminina. Esses dois livros apresentam, cada um, ao menos em uma página, algum ponto específico sobre representação das mulheres na sociedade. O livro do 4º ano, por exemplo, no tópico que fala sobre o período da colonização, a construção da sociedade brasileira e o encontro de culturas, traz duas biografias (de uma artista plástica japonesa e de um artista plástico brasileiro). Ao final da apresentação, algumas perguntas

são feitas e uma delas traz a possibilidade de o/a estudante conhecer outras artistas mulheres que se destacam no campo das artes no Brasil (Figura 30).

Figura 30



Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2016, 4º ano, p. 81)

Entretanto, em contraposição à visibilidade concedida anteriormente, agora sob um olhar mais prevenido, observamos que a sequência do exercício já passa a desconsiderar a mulher quando solicita que se faça uma biografia sobre “o artista” escolhido.

Outrossim, o livro didático do 5º ano, prestigiando a representação feminina em pé de igualdade, de modo ainda mais expressivo, apresenta uma página (p.119), dentro do tópico sobre a República brasileira, destinada à participação das mulheres na política, chegando a exibir uma foto da primeira deputada negra do Brasil (Figura 31).

Figura 31

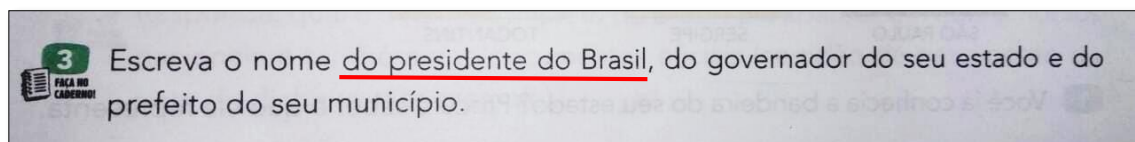


Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 119)

Porém, nessa mesma página e na página anterior (Figuras 32 e 33) as questões 3 (p.118) e 1 (p.119) fazem referência ao presidente do Brasil, no masculino, ao propor: “Escreva o nome **do** presidente do Brasil [...]” [grifo

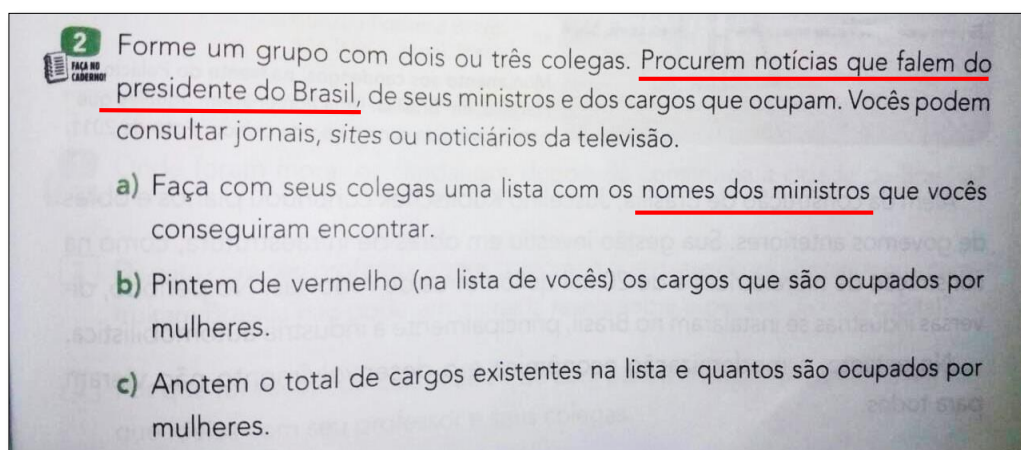
nosso] (CHARLIER e SIMIELLI, 2015, p.118). Ao observar a data de publicação deste livro didático, verifica-se que a presidenta do Brasil em exercício naquele momento era Dilma Rousseff. Dessa forma, nota-se uma desarmonia entre a temática proposta pelas autoras e a linguagem utilizada para realizar as intervenções.

Figura 32



Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 118)

Figura 33



Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 119)

Além disso, o livro também desconsidera as governadoras e prefeitas eleitas ao pedir que os/as estudantes escrevam o nome “do governador e do prefeito de seu município” (CHARLIER e SIMIELLI, 2015, p.118). Na página anterior, bem como no livro do 4º ano, também são considerados apenas os homens como possíveis presidentes, governadores e prefeitos (Figura 34)

Impende levar em conta que o PNLD consiste em um programa de alcance nacional, por meio do qual os livros selecionados são utilizados em diversos municípios de todo o país, governados por políticos e políticas. Assim, um maior rigor no uso da linguagem parece fundamental, a fim de reconhecer

que os espaços profissionais são preenchidos seja por mulheres, seja por homens e que, suprimir essas expressões da linguagem, como visto, termina por promover ou reforçar a discriminação do gênero feminino. A própria desconsideração de uma linguagem mais inclusiva vai de encontro às prescrições do PNLD, na medida em que reforça um imaginário em que o masculino é a norma.

Figura 34

Pela atual Constituição, o Brasil é uma República democrática. Isso significa que, por meio do voto, a população brasileira elege seus representantes, entre os quais o presidente (chefe de Estado) e os deputados federais e senadores.

O Brasil é uma República Federativa porque é formado por uma **federação** de vários estados. Os estados têm o poder de escolher seu governador e seus deputados estaduais, assim como os municípios escolhem seu prefeito e seus vereadores.

Veja quais são as bandeiras dos estados brasileiros e do Distrito Federal:

Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 117)

Em relação às profissões, os dois livros, assim como os demais analisados até o momento, trazem uma quantidade menor de ofícios representados por mulheres em relação aos homens (Ver tabelas 8 e 9). O livro do 4º ano apresenta seis profissões representadas por mulheres, dentre estas, a maioria está voltada para o campo das artes (artesã, artista plástica, cantora e escritora). Além disso, aparece, novamente, a mulher como cozinheira.

De outro modo, os homens aparecem em ofícios mais diversificados além de figurar em um maior número de vezes (artista plástico, guia de museu, cosmógrafo, agricultor, carteiro, jornalista).

Tabela 9 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de História do 4º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
-----------------------	--------	-------

Componente Curricular	Mulher	Homem
História		Artista Plástico (p. 16, 80);
		Colhedor de uva (p. 31);
	Artesã (p. 74);	Feirante (p. 32);
	Cozinheira (p. 76);	Guia de museu (p. 40);
	Vendedora (p. 79);	Cosmógrafo (p. 50);
	Artista Plástica (p.80)	Ferreiro (p. 55);
	Cantora (p.145);	Motorista (p. 89);
	Escritora (p.146).	Agricultor (p.93,);
		Operador de máquina (p. 96);
		Carteiro (p. 140);
	Jornalista (p. 150).	
Total	6	11

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Já no LD do 5º ano, aparece, pela única vez dentre todos os livros analisados, a profissão de atleta representada por mulheres. Vale salientar, entretanto, que essa aparição se dá na capa do livro, onde também estão presentes grupos de homens atletas, não havendo assim a concessão do destaque feminino, que por reiteradas vezes se dá às representações masculinas.

Ademais, os esportes em que as mulheres aparecem nestas imagens são natação e vôlei, enquanto os homens, basquete e futebol, o que tende a reforçar alguns estereótipos no que diz respeito às modalidades destinadas aos homens e mulheres nos desportos.


Não obstante essas questões, é interessante perceber que, apesar do reforço aos estereótipos, também há pontos de ruptura dessas desigualdades no livro do 5º ano. Além da já mencionada deputada que aparece na página 119, o material apresenta a imagem de uma engenheira dirigindo um trator (Figura 35) na página 152.

Figura 35

2 Observe a imagem ao lado:

- Com seus colegas, discuta a participação da mulher no mercado de trabalho.

Engenheira dirigindo trator em Londrina, no estado do Paraná, em 2012. Nos dias de hoje mulheres e homens trabalham lado a lado nas mais diversas profissões.



3 Você acha que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres? Troque ideias com seus colegas.

Fonte: CHARILIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 152)

As autoras também trazem alguns pontos para a reflexão sobre a participação da mulher no mercado de trabalho e os direitos e deveres de homens e mulheres, entretanto, verifica-se pouco aprofundamento em relação a estas questões, deixando que tais discussões se deem por parte das crianças, como propõe na questão: “Você acha que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres? Troque ideias com seus colegas.” (CHARILIER e SIMIELLI, 2015, p.152). Não há, portanto, maiores reflexões promovidas através do conteúdo didático. Somem-se a essas constatações a análise da tabela abaixo, que reflete a proeminência da identidade masculina no componente curricular de história.

Tabela 10 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de História do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
-----------------------	--------	-------

Componente Curricular	Mulher	Homem
		Atleta – jogadores de basquete e futebol (capa);
		Cosmonauta (p. 16);
		Astronauta (p. 16);
	Atleta – nadadoras, jogadoras de vôlei (capa);	Navegador (p. 27, 28, 30);
	Marisqueira (p. 41);	Escrivão (p. 35);
	Professora (p. 47, 88, 148, 150);	Pesquisador (p. 36);
	Musicista (p. 66);	Pescador (p. 41);
	Tecelã (p. 72, 82);	Padre (p. 63);
História	Arrumadeira (p. 76);	Fazendeiro (p. 63);
	Deputada (p. 119);	Garçom (p. 76);
	Funcionária de Alfaiataria (p. 145);	Administrador (p. 76);
	Engenheira (p. 152);	Técnico em computação (p. 76);
		Pedreiro (p. 76);
		Marceneiro (p. 76)
		Sociólogo (p. 79);
		Carpinteiro (76);
		Empregado na piscicultura (p. 76);
		Presidente (p. 120);
Total	9	18

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Conforme ilustração da tabela acima se corrobora mais uma vez acerca da desigualdade dispensada aos gêneros nos conteúdos dos livros didáticos.

3.2.1.5. Língua Portuguesa

A este ponto, da ponderação investida nas análises antecedentes, cumpre destacar que a discrepância no componente curricular de língua portuguesa reforça o quadro das desigualdades das representações dos componentes anteriores. Dessa forma, observemos, de antemão as tabelas que seguem.

Tabela 11 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Língua Portuguesa do 4º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Língua Portuguesa		Poeta (p. 11, 51);
		Professor de música (p. 16);
		Cantor (p. 18);
		Cozinheiro (p. 18);
	Ilustradora (p. 10, 176);	Atleta (p. 18, 274);
	Veterinária (p. 18);	Artista (p. 18);
	Delegada (p. 18);	Dentista (p. 18);
	Bailarina (p. 18);	Músico (p. 19, 43);
	Médica (p. 18);	Escritor (p.50, 53, 85, 114, 137);
	Escritora (p. 29, 38, 174, 176, 211);	Dramaturgo (p. 51);
	Professora (p. 73, 74, 149);	Ilustrador (p. 53, 114);
	Atendente (p. 111);	Carteiro (p. 110);
	Pesquisadora (p. 149).	Garçom (p.115);
		Professor (p. 144, 149);
		Pesquisador (p. 149);
	Jogador de futebol (p. 228);	
	Guia de zoológico (p. 233).	
Total	9	15

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Tabela 12 - Profissões relacionadas às mulheres e/ou aos homens no livro de Língua Portuguesa do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Língua Portuguesa		Professor de educação física (capa);
		Dançarino (p. 16);
		Pintor (p. 16);
		Poeta (p. 21, 29, 38, 72, 215);
		Fotógrafo (p. 25);
		Dançarina (p. 16);
		Compositor (p. 31, 129);
		Escritora (p. 18);
		Escritor (p. 45, 170, 234);
		Guia de museu (p. 112);
		Vendedor (p. 44, 46, 48, 74, 114, 184, 217, 223);
		Atriz (p. 266);
		Professora (p. 284).
	Empresário - ramo de armazém- (p. 110);	
	Jornalista (p. 117, 151, 154, 273);	
	Bombeiro p. 184)	
	Atleta (p. 185);	
	Ator (p. 267);	
	Desenhista (p. 268).	
Total	5	13

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Ao analisar as tabelas e observar o número total de variedades profissionais ofertadas aos gêneros, sobretudo, no 5º ano letivo, pode-se perceber que, ao gênero feminino, conforme disposto na tabela 11, são destinadas apenas cinco opções profissionais, ao passo que ao masculino a atribuição profissional é quase três vezes maior.

Essas representações díspares acerca das identidades de gênero dos sujeitos, verificada quase que na totalidade dos componentes curriculares, a que temos atestado no debruçar dessa pesquisa, impera ao questionamento da suposta despretensão de tal feito.

De acordo com as teorias de gênero que embasam essa pesquisa, desmistificando a naturalização dos gêneros, podemos a esta altura ponderar acerca da construção das diferenças de gênero a que os/as estudantes podem vir a aquiescer por meio da consideração feita no discurso sub-reptício desses materiais didáticos.

Cada vez que, nas páginas dos livros, se dispõe, insistentemente, uma visibilidade afirmativa para um gênero mais que para outro, isto é, se ao longo de dois anos iniciais, as proposições educativas reiteram a assimilação de espaços mais multifacetados ao universo do gênero masculino em detrimento do feminino, podemos questionar se estamos promovendo a educação dentro dos parâmetros da igualdade propostos pela PNLD.

Dessa forma, no componente curricular ora analisado, também se verificou a preponderância do gênero masculino frente às demonstrações de apropriação feminina no espectro profissional.

Assim sendo, além de estarem, na maioria das vezes, associadas a profissões ligadas ao lar, ao cuidado e à educação, às mulheres também é destinada a realização dos trabalhos reprodutivos (realização das tarefas domésticas e de cuidado relativo à família) nos diversos livros analisados, em posição diametralmente oposta, o gênero masculino protagoniza o preenchimento de funções externas ao lar e de maior relevo social.

Diante dessa conjuntura, onde uma identidade se sobrepõe à outra, baseada numa discurso de legitimação do poder que impõe a naturalização das prescrições para os gêneros como fundamento das diferenças, se faz imperativo pensar a tessitura das relações de poder. Suscitar que ele não se inclina ao forçoso binarismo imposto socialmente. Assim, nas palavras de Guacira Louro:

[...] o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças e religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de “homem dominante versus mulher dominada (LOURO, 1997, p. 42).

Ademais, os espaços de opressão são subvertidos e resignificados em locais de resistência e de exercício de poder, configurando novas formas de vida para além do binarismo. Nesse sentido, não é possível supor que a diversidade de afirmação dos sujeitos limita-se aos polos feminino/masculino, conforme quer se fazer crer a naturalização dos gêneros.

Por conseguinte, a fim de apreender as diferentes formas de arranjo familiar e de destinação do trabalho reprodutivo dentro dessa instituição, analisou-se a categoria a seguir.

3.2.2. Organização Familiar

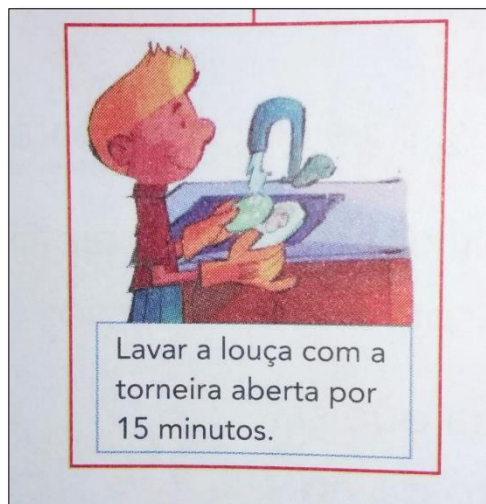
Na categoria em questão, objetivou-se analisar como os livros do 4º e 5ºano dispensaram o tratamento sobre a forma de constituição dos grupos familiares, refletindo de que forma a diversidade desses grupos, coexistente socialmente, foi trazida aos livros e como essas diferentes composições ocupam as páginas no decorrer do material didático.

Dessa forma, iniciando a análise desta categoria pelo componente de Língua Portuguesa, pôde-se verificar que as referências da organização familiar se dão em apenas duas situações. Uma no livro do 4º ano e outra no do 5º, em ambas as aparições, as autoras incluíram imagens de famílias tradicionais, sem levar em conta outras formas de constituição de grupos familiares.

Na avaliação do componente de Ciências, seja no livro do 4º ou do 5º ano, as representações da organização familiar também se encontram circunscritas ao modelo tradicional, em que as mulheres assumem o trabalho reprodutivo. No entanto, diferente da trivial abordagem das mulheres no exercício da atividade do lar, o livro do 4º ano dispõe, na página 82, da figura

de um menino lavando pratos e ainda, na página 169, de um homem usando uma máquina de lavar roupas (Figuras 36 e 37).

Figura 36



Fonte: NIGRO (2015, 4º ano, p. 82)

Figura 37



Fonte: NIGRO (2015, 4º ano, p. 169)

A inserção dessas figuras masculinas na assunção de atividades domésticas permite, ainda que timidamente, ressignificar o olhar, para desconstruir de forma subliminar aos assuntos didáticos em questão, que tais atividades não estão associadas à identidade de gênero. E sim, que podem ser exercidas por homens e mulheres indistintamente. São esses exemplos de cenários cotidianos, que podem apoiar a docência na (des) construção daquilo que é comumente destinado às identidades de forma naturalizada.

No componente curricular de Matemática, a pluralidade da constituição familiar também é reduzida apenas ao modelo tradicional, igualmente aos demais componentes até então analisados. Assim, constatou-se, a todo tempo, no livro do 5º ano (Figuras 38, 39, 40 e 41) a figura do pai como provedor.

Nesse cenário, observam-se diversas situações problema em que o pai concede valores em dinheiro para o(s) filho(s). Mas não há qualquer passagem que ilustre, por exemplo, a figura da mãe cedendo esses valores. Do mesmo modo, não são apresentadas filhas recebendo quantias monetárias.


Figura 38

Propriedades da adição e aplicações

1 Marcelo ganhou estas duas notas de seu pai. A quantia total que ele ganhou é obtida por meio da adição $10 + 20$ ou da adição $20 + 10$? Confira sua resposta com as dos colegas.

As imagens não estão representadas em proporção.

Reprodução: Casa da Moeda do Brasil/Ministério da Fazenda



Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 63)

Figura 39

1 Márcio tinha R\$ 20,00.

- Copie e complete no caderno:
 - Ao ganhar R\$ 10,00 de seu pai, passou a ter R\$, pois + = .
 - Se comprar um CD de R\$ 10,00, ficará com R\$, pois - = .
- Converse com seus colegas sobre a relação que existe entre as operações dos itens **a** e **b** e as imagens abaixo.

As imagens não estão representadas em proporção.

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 63)

Figura 40

2 No começo do ano, Renato ganhou R\$ 400,00 de seu pai. Em janeiro ele gastou R\$ 56,00 e nos meses seguintes sempre R\$ 12,00 a mais do que no mês anterior.

- Quanto ele tinha no final de março?
- Em que mês seu dinheiro acabou?

MÃO ESQUERDA NESTE LIVRO

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 73)

Figura 41

9 **Problemas**

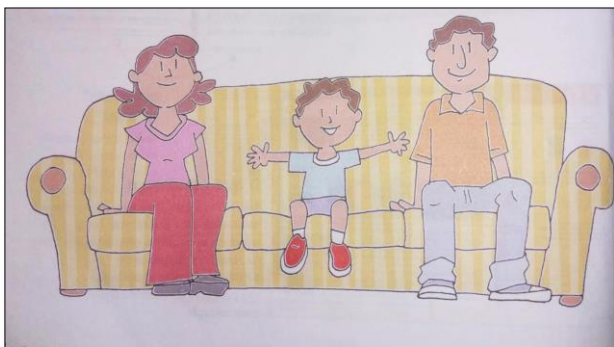
Leia, pense e resolva no caderno.

- Roberto distribuiu certa quantia entre seus 5 filhos para eles irem a uma excursão. Cada um recebeu R\$ 48,00, e Roberto ainda ficou com R\$ 43,00. Que quantia ele tinha?

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 73)

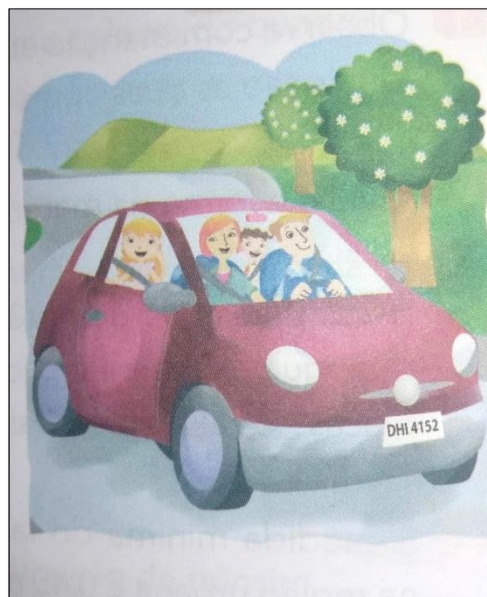
Na análise do livro do 5º ano, mais uma vez, a família tradicional é o modelo destacado (Figuras 42 e 43). De igual modo, no livro do 4º, consolidam-se essas mesmas referências (Figura p. 44 e 45), além de marcar o trabalho reprodutivo associado à mulher.

Figura 42



Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 6)

Figura 43



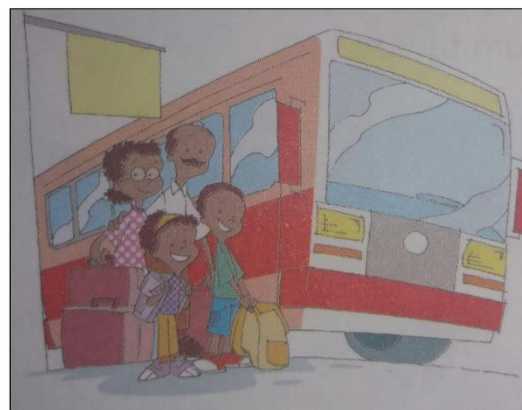
Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 260)

Figura 44



Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 152)

Figura 45



Fonte: DANTE (2015, 4º ano, p. 274)

Assim dizendo, não há qualquer evidência em sentido contrário à destinação da mulher para o labor doméstico. Tais associações terminam por reforçar a ideia de pertencimento a determinadas responsabilidades distribuídas por meio das identidades de gênero. Nesse sentido, como fazer a

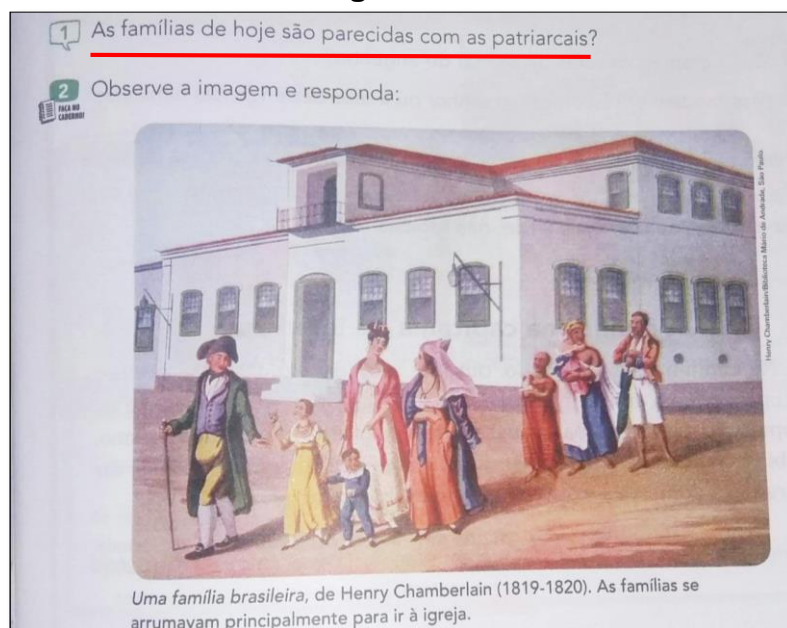
criança refletir outras possibilidades de arranjos familiares quando o material didático restringe essas construções?

Na avaliação dos LDs, percebe-se que, em regra, permanecem, nos componentes curriculares, as reproduções binárias feminino/masculino, interno/externo. Isto é, reforçam-se às categorias, a situação da mulher no espaço doméstico e o espaço público com primazia do homem.

Entretanto, destaca-se o componente de História do 5º ano, que, destoando das representações díspares de gênero, questiona os arranjos familiares historicamente perpetrados, ao passo que também revelam novos arranjos familiares, transgredindo os modelos nucleares.

Assim sendo, observemos uma situação destacável: No livro do 5º ano, na página 131, as autoras fazem uma breve explanação textual do que seria uma família patriarcal, e, situa sua proeminência até meados do século XX. Em seguida, as autoras lançam uma questão reflexiva “As famílias de hoje são parecidas com as patriarcais?” (CHARLIER e SIMIELLI, 2015, p. 131) e, em seguida, dispõem nesta página a imagem de uma família brasileira à época (Figura 46) para solicitar que o/a estudante identifique quais são os signos que levam a reconhecer a família patriarcal, bem como requer no exercício, seja feita a verificação das diferenças sociais presentes na imagem.

Figura 46

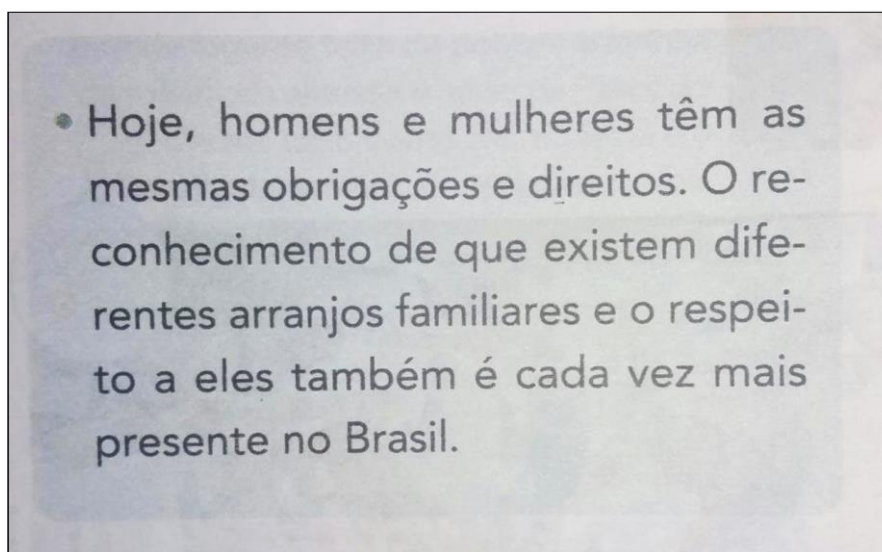


Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 131)

Em seguida, as autoras abordam os trezentos anos iniciais da história do Brasil e a situação da mulher nesse período. No contexto, são trazidas informações sobre as limitações dos ambientes permitidos à mulher (dentro da residência dos pais, e, muitas vezes, circunscritas ao quarto, sem janelas). Algumas questões são novamente trazidas à baila, a exemplo: “Você acha que nos dias de hoje as meninas são educadas para serem apenas mães de família?” (CHARLIER e SIMIELLI, 2015, p. 134).

Outra passagem destacável, no tocante a abordagem de gênero no livro de história do 5º ano, localiza-se na página 160, onde se descreve um texto sobre a igualdade de gênero (direitos e obrigações iguais para homens e mulheres) e, ainda, a outras organizações familiares, fazendo referência às diversas formas de constituição da família, para além do modelo tradicional, aliando, ainda, essa diversidade à questão do respeito (Figura 47).

Figura 47



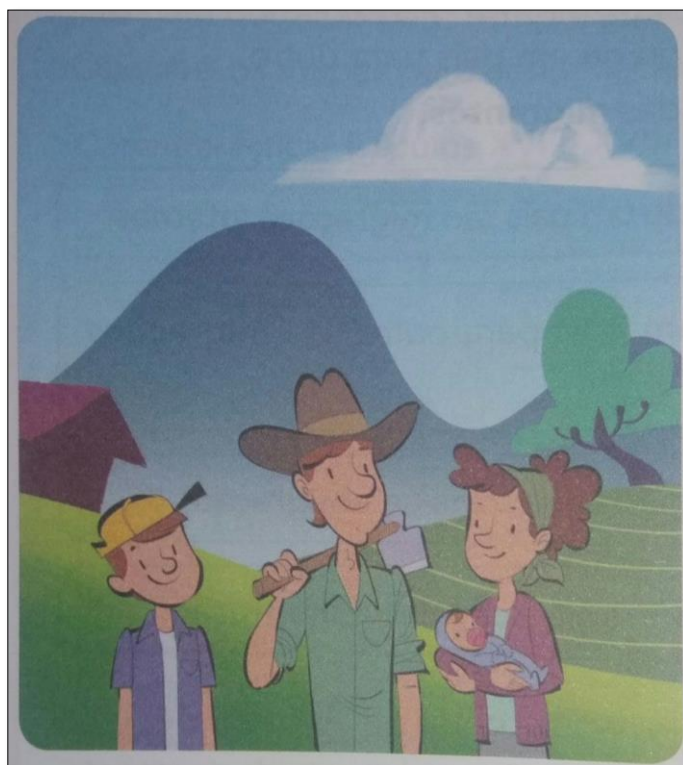
Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2015, 5º ano, p. 160)

Por essas breves passagens é possível perceber a diferença qualitativa de abordagem das questões de gênero, vez que o livro de história do 5º ano suscita seja refletido pelos estudantes as formas de vida das mulheres, bem como dos homens, trabalhando as diferenças dispensadas às identidades, as transformações ao longo do tempo, assim como a reflexão dos direitos vinculados e a questão do respeito a essas diferenças. Nesse panorama,

através da proposta do livro, há o incentivo à reflexão e contextualização das diferenças, num evidente cenário propiciador de debates dessas questões tão caras à contemporaneidade.

Por fim, no componente de Geografia, nos livros do 4º e 5º ano, verifica-se que a ambientação do livro está muito relacionada ao espaço rural, dessa forma, observam-se muitas imagens de família com um estereótipo de moradores/as do campo, a saber: pai, mãe e filhos/as (em geral, a mãe com um bebê no braço), com roupas simples, algumas vezes com uma enxada na mão ou com uma bagagem, simbolizando o êxodo rural (Figura 48). Não há qualquer referência a outros modelos de organização familiar, principalmente no que diz respeito às mães que criam seus/uas filhos/as sozinhas, realidade comum na sociedade brasileira; ou outras formatações possíveis, constituintes dos modelos familiares difundidas no contexto social.

Figura 48



Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 78)

Um aspecto interessante a ser destacado em relação a essa questão, é a recorrência de imagens de mulheres com crianças, seja no colo, seja de mãos dadas. Além do livro de Geografia, o livro de História do 4º ano,

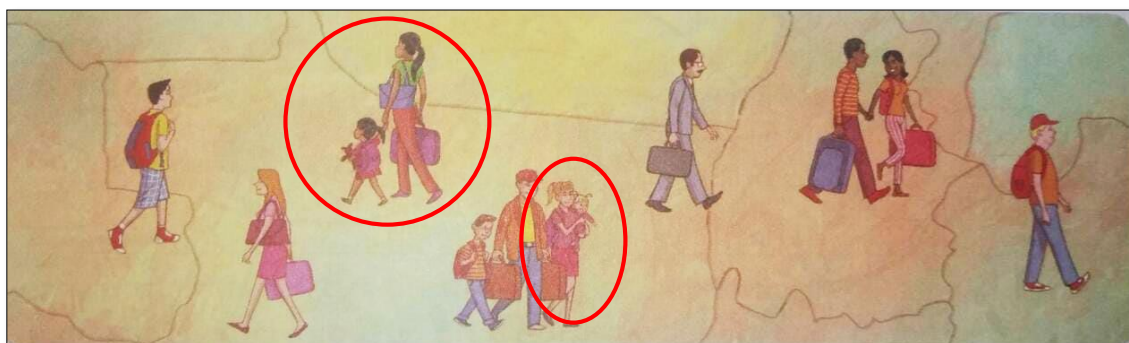
apresenta, em diversas imagens, além de famílias tradicionais, em que a mãe carrega o bebê no colo, mulheres acompanhadas apenas por uma criança (Figuras 49 e 50), reforçando a ideia da mãe como responsável pelo cuidado dos/as filhos/as. Em contrapartida, os momentos em que se verificou homens sozinhos com os/as filhos/as, nos livros dos diversos componentes curriculares, eram momentos de lazer.

Figura 49



Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2016, 4º ano, p. 9)

Figura 50



Fonte: CHARLIER e SIMIELLI (2016, 4º ano, p. 11)

Essa diferença marcante em relação às atribuições das mulheres e dos homens em relação aos/as filhos/as, nos livros, reforça estereótipos de gênero

e demarcam espaços limitantes aos sujeitos, afirmando os lugares aceitáveis ou inaceitáveis de ocupação. À mulher, mais uma vez, o lar e o cuidado (Figura 51) são espaços aceitáveis, aos homens, qualquer ambiente fora do espaço doméstico, a menos que o ocupe para ser o provedor.

Figura 51



Fonte: SIMIELLI (2015, 4º ano, p. 81)

Por encontrarmos por diversas vezes a figura paterna em situações de lazer com seus/uas filhos/as e a mulher em poucas dessas vivências, optamos por analisar as atividades lúdicas apresentadas nos livros didáticos e suas relações com as identidades de gênero.

3.2.3. Atividades Lúdicas

Ao analisar os livros didáticos da coleção Àpis, observou-se a recorrência de imagens que representam crianças e/ou adultos exercendo algum tipo de atividade lúdica. Através dessa apreensão, verificou-se uma divisão, mais ou menos marcada, em cada componente, das atividades apresentadas em associação às meninas, meninos, mulheres e homens.

Na avaliação realizada dessa categoria no componente de História, não encontrou-se referências a atividades lúdicas no livro do 4º ano. Essa ausência

pode ter se dado em razão das temáticas desenvolvidas nesse volume, a saber: a chegada dos portugueses, a questão da colonização e o império. Esses conteúdos, em si, da forma como são apresentados, em geral, na escola, guardam pouca relação com atividades lúdicas. Nesse sentido, sem prejuízos, nada pôde ser trazido em conexão às análises da identidade de gênero em História do 4º ano.

Não obstante, no livro do 5º ano do mesmo componente, foram dispostas duas imagens, uma delas de uma menina e um menino jogando videogame e, outra, de um casal de homem e mulher dançando, de modo que, por apenas essas ilustrações não há o que se inferir acerca de qualquer tratamento disforme dispensado às identidades generificadas.

Apesar dessa escassa e simplória disposição igualitária entre os gêneros, trabalhada nas imagens do livro do 5º ano, na página 150 (Figura 52), temos a imagem do pai jogando futebol com o filho. Tal figuração, polarizada, permeia o decorrer dos livros, atribuindo às identidades lugares fixos, sem levar em conta quaisquer acasos do sujeito, como inclinação, aptidão, vocação, desejo, ou qualquer insurgência que dinamite o binarismo pré-estabelecido aos indivíduos.

Figura 52

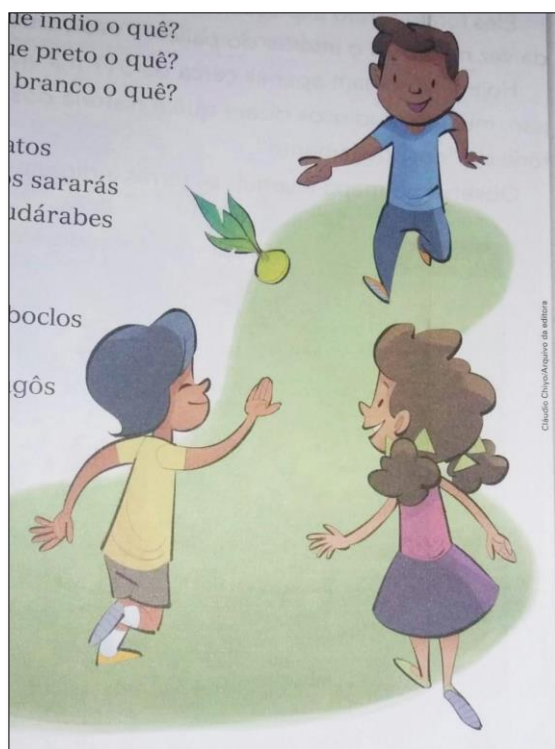


Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 150)

Por conseguinte, no material didático de Geografia, em que predomina o conteúdo relacionado ao campo, são ilustradas, com primazia, imagens sobre

paisagens, sem adentrar muito em conteúdos que tenham, de alguma forma, relação com o lazer. Dessa forma, há apenas uma passagem em que uma mulher aparece realizando uma viagem, evidenciando a figura da mulher em situação de lazer, e, uma imagem de um menino em seu quarto e, na prateleira, diversos carrinhos de miniatura. Já no livro do 5º ano, observa-se apenas uma imagem de meninos e meninas brincando com peteca (Figura 53).

Figura 53



Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 65)

Conforme salientado, em virtude do conteúdo de geografia, que se voltou para a seara da paisagem e do estudo dos espaços geográficos, poucas foram as oportunidades de se avaliar as questões das identidades de gênero atreladas à situação de lazer.

Percorrendo, por sua vez, o componente de Ciências, o quantitativo de situações em lazer é bem mais expressivo. Insta observar que as práticas de divisão das atividades lúdicas entre os gêneros apresenta maior destaque nesse componente. Para que se possa melhor compreender as atividades associadas às meninas, meninos, homens e mulheres, é pertinente observar a tabela 12.

Tabela 13 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Ciências do 4º ano

Tipo de atividades lúdicas/brinquedos	
Meninos	Piscina, aviãozinho, caminhãozinho, carrinhos, cavalo, xadrez, patins, boneco de super-herói
Meninas	Piscina, fogãozinho, boneca/o
Homes	Piscina e assistir TV
Mulheres	Compras

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Através da apreciação da tabela, pode-se observar que as crianças aparecem mais vezes em atividades lúdicas em relação aos/às adultos/as, o que parece justificado pelo público do livro ser eminentemente, crianças. Porém, verifica-se uma disparidade entre as brincadeiras e brinquedos destinados aos meninos em relação às meninas. Enquanto os meninos possuem brinquedos como, carrinhos, caminhões em miniatura, jogos e bonecos de super-herói, as meninas brincam de cozinhar com seus fogõezinhos e de boneca/o comum.

É de grande importância perceber como, desde crianças, através dos brinquedos e brincadeira permitidos para meninos e para meninas, as identidades de gênero e as características que, por muitas vezes, são consideradas naturais, vão sendo forjadas. No exemplo desse livro, é possível apreender a construção de uma identidade feminina voltada ao lar e ao cuidado, já que as garotas brincam com fogão e bonecas/os. Já em relação à identidade masculina, são dadas possibilidades de vislumbrar o exercício de atividades externas ao ambiente doméstico, posto que brincam com carrinhos, caminhões, aviões, jogos e bonecos de herói.

Em relação às atividades exercidas pelos homens, verificou-se a ida à piscina, como também se apresenta para os meninos e meninas. Essa atividade está inserida em uma imagem em que o pai leva o filho à piscina, onde se encontram outros meninos e meninas. Dessa forma, observa-se a

presença do pai em atividade de lazer com o filho, mais uma vez. Às mulheres, de maneira bastante estereotipada, a atividade de lazer demonstrada é fazer compras.

No livro de Ciências do 5º ano, essas experiências ilustrativas se repetem como mostra a tabela 13:

Tabela 14 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Ciências do 5º ano

Tipo de atividades lúdicas/brinquedos	
Meninos	Futebol (3x), assistir televisão, cinema, videogame, skate
Meninas	Bambolê, leitura (2x), assistir TV
Homes	Assistir TV (2x)
Mulheres	----

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Nesse livro, mais uma vez, os meninos aparecem associados a atividades lúdicas mais diversificadas e ativas, incluindo, dessa vez, esportes. Enquanto as meninas se divertem com a leitura e o bambolê. Assistir televisão é uma atividade comum a todos os seguimentos, menos às mulheres, visto que não aparecem representadas em nenhuma atividade lúdica ao longo do livro.

É interessante perceber que os meninos são mostrados por três vezes em situação de jogo de futebol, já as meninas aparecem duas vezes realizando atividade de leitura, além disso, em uma das imagens em que o homem assiste tv, o que ele vê é um jogo de futebol. Essas disposições demonstram uma concepção estereotipada dos interesses para os gêneros, bem como, reforça os lugares permitidos e aceitáveis para homens e mulheres.

No tocante ao componente de Língua Portuguesa, no livro do 4º ano, a divisão das atividades lúdicas pelo gênero se distribui da seguinte forma:

Tabela 15 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Língua Portuguesa do 4º ano

Tipo de atividades lúdicas/brinquedos	
Meninos	Escrever diário/blog, dançar, pintar, videogame, futebol (4x), pular corda, pescar, skate
Meninas	Escrever diário/blog, dançar, andar de bicicleta, escrever, pular corda, vôlei
Homes	---
Mulheres	---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

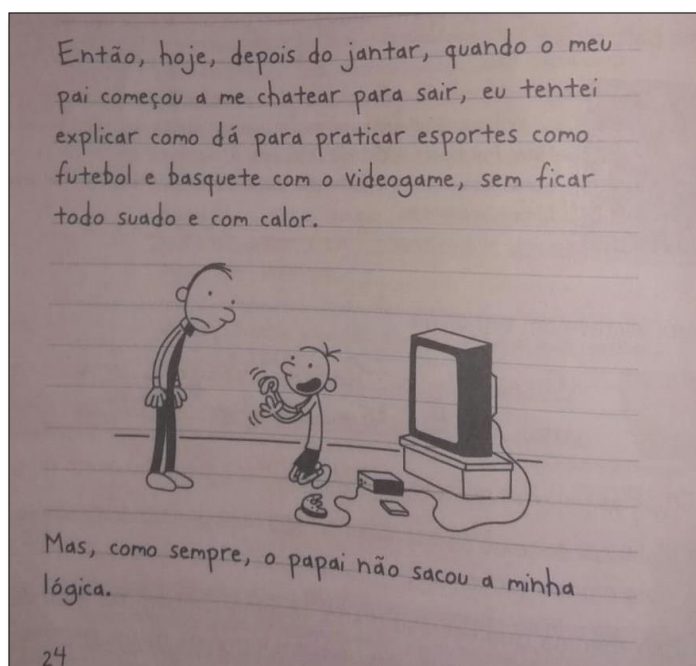
Ao observar a tabela, percebe-se uma aproximação nas atividades lúdicas praticadas por meninos e meninas. Os dois grupos, por exemplo, aparecem escrevendo em um diário/blog, dançando e pulando corda. Importante destacar, entretanto, que, na mesma atividade de escrever para o blog, o conteúdo dos textos das meninas diz respeito a bichinhos de estimação e romance, enquanto os meninos, escrevem textos sobre futebol e videogame (Figuras 54, 55 e 56).

Figura 54



Fonte: BERTIN et. al (2015, 4º ano, p. 60)

Figura 55



Fonte: BERTIN et. al (2015, 4º ano, p. 52)

Figura 56

VER PARA CRESCER
Jovens produtores de conteúdo produzindo para jovens leitores

Media Kit e dados de visitação Por que Ver Para Crescer? Anúncios Categorias

Bad Hotel Venenahf & Oshani, Baden

PÁGINAS
Media Kit e dados de visitação
Por que Ver Para Crescer?

COMO FALAR COM A GENTE
415 Followers on Twitter com for @VerParaCrescer
Quer conversar com a gente, propor ideias, mandar um convite ou contratar para uma ação? Mande e-mail para gnsbrasil@otagui.com.br.

AUTORES DO @VERPARACRESCER
@enzobuzz, Estudante, Nerd, Gamer, Minecraft e Noob xD, Criei o @sinefacio e editor chefe no @vorparacrescer. Filho de @samegul e do @gnsbrasil. @giorgio_bros, escritor, grava vídeos de games e vlog de indicação de livros, "Quero ser chefe de cozinha, sou vlogueiro no #LetFazBem, às vezes blogueiro

2013 10.12

« Todos podemos ser heróis Minecraft hats mod »

★ **FINALMENTE COMECEI A FAZER ESCOLINHA DE FUTEBOL II** No Comments

E aí pessoal quanto tempo hein?? Espero que tenham novidades, por que eu tenho ><
Comecei a fazer Escolinha de Futebol do São Paulo FC ontem, e no meu primeiro dia de treino eu já fiz 6 gols ^^
E esse é o meu post e o começo do meu sonho sendo realizado e vocês quais são seus sonhos de infância??

Fonte: BERTIN et. al (2015, 4º ano, p. 82)

Para além das atividades comuns na tabela, as meninas aparecem escrevendo, andando de bicicleta e jogando vôlei. Já os meninos, aparecem pintando, jogando videogame, andando de skate, pescando e, novamente, jogando futebol. Como pode-se observar, as atividades protagonizadas por meninos continuam a apresentar uma maior variedade, bem como o estereótipo em relação ao uso do skate, visto que aparece pela segunda vez, relacionado aos meninos; ao videogame; e ao futebol, que aparece quatro vezes associado a meninos e nenhuma a meninas nesse livro.

No livro do 5º ano, verificou-se, assim como no do 4º, uma diferenciação marcante entre as brincadeiras e brinquedos representados por meninas e meninos (Ver tabela 15).

Tabela 16 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Língua Portuguesa do 5º ano

Tipo de atividade lúdica/brinquedos	
Meninos	Pipa, peão, bola, ler, mímica, aventura (viagem), boneco de herói
Meninas	Mímica, pelúcia, boneca
Homes	Aventura (viagem)
Mulheres	---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Nota-se, através da interpretação da tabela, que as meninas, outra vez, aparecem em desigualdade no que diz respeito às atividades lúdicas. Afora a atividade comum entre garotos e garotas (mímica), as meninas aparecem apenas com urso de pelúcia e boneca, remetendo às questões de cuidado e quietude. De outro modo, os meninos aparecem praticando atividades mais dinâmicas e ousadas, como jogar bola, pipa, peão e realizar uma aventura. Essa última atividade, o garoto da imagem aparece com seu pai, por isso, a “aventura” se repete no espaço destinado ao homens.

Ao analisar esse livro, observou-se uma atividade intrigante, na qual, é apresentado um excerto adaptado de um texto de Ruth Rocha, denominado

“Boneca” (Figura 57). Nele, a autora faz um histórico breve sobre as bonecas e finaliza dizendo que, nos últimos anos, começaram a aparecer bonecos de herói para os meninos e “bonecas mocinhas” para as meninas. Ao que esperávamos uma contestação e reflexão sobre essa questão, a única pergunta que remete ao conteúdo do texto, questiona se a criança “acha que sempre foi assim” (BERTIN, MARCHEZI e TRINCONI, 2015, p. 137). Nesse cenário, o livro reforça os estereótipos de gênero, cabendo ao/a professor/a, caso deseje, propor a reflexão sobre essas delimitações dos brinquedos.


Figura 57

Boneca
Ruth Rocha

Muito tempo atrás, lá no Egito, já se faziam bonecas de barro. Antigamente, se faziam bonecas de pano, de madeira e até de sabugo de milho. A Emília e o Visconde de Sabugosa, das histórias de Monteiro Lobato, são bonecos feitos em casa, de pano e de sabugo de milho. Nos últimos anos começaram a aparecer bonecos para os meninos brincarem. Eles são geralmente super-heróis. Para meninas, surgiram as “bonecas mocinhas”, com vestidos para trocar, com casinhas e automóveis para brincar de gente grande. [...]

ROCHA, Ruth. *Almanaque Ruth Rocha*. São Paulo: Ática, 2009. p. 57. Adaptado.

a) Conversem um pouco sobre as informações presentes no texto. A autora afirma que hoje são fabricados bonecos de heróis para meninos e “bonecas mocinhas” para as meninas. Você acha que sempre foi assim?



Fonte: BERTIN et. al (2015, 5º ano, p. 137)

Por fim, nos livros de Matemática, ao observar as tabelas 16 e 17, verifica-se, assim como nos livros dos outros componentes curriculares, que há uma diversidade maior de atividades lúdicas/brinquedos vivenciadas por meninos e, além disso, mais uma vez, uma associação frequente de determinadas atividades aos garotos.

Tabela 17 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Matemática do 4º ano

Tipo de atividade lúdica/brinquedos	
Meninos	Futebol (2x), basquete, andar de bicicleta (2x), aventura (viagem)
Meninas	Bambolê, “fichas”, vôlei, natação
Homes	Aventura (viagem)
Mulheres	Assistir TV

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

É possível observar na tabela do 4º ano que, novamente, os meninos aparecem jogando futebol, duas vezes, enquanto as meninas jogam vôlei. Já em relação às mulheres e homens, nota-se que, o homem aparece realizando, assim como no livro de Língua Portuguesa, uma atividade de aventura (viagem) e, como verifica-se na tabela, mais uma vez, é o pai que acompanha o filho nessa viagem. Já a mulher, aparece assistindo televisão.

Em relação ao livro do 5º ano, foi apresentada uma grande variedade de atividades lúdicas em comparação com os outros livros. As meninas, nesse caso, aparecem inclusive, jogando futebol e videogame. Porém, ao observar a recorrência dessas mesmas brincadeira na linha dos meninos, verifica-se que, enquanto as meninas aparecem apenas uma vez associadas ao futebol ou ao videogame, os meninos aparecem quatro e duas vezes, respectivamente.

Além disso, os garotos são apresentados jogando pipa, três vezes, brincando de carrinho, duas vezes e jogando basquete, três vezes. As meninas só aparecem duas vezes em duas atividades, cinema e vôlei. Ademais, também é destinada às garotas, mais uma vez, a leitura como atividade lúdica e a pelúcia como brinquedo.

Tabela 18 - Tipos de atividades lúdicas/brinquedos utilizados por meninos, meninas, homens e mulheres, no livro de Matemática do 5º ano

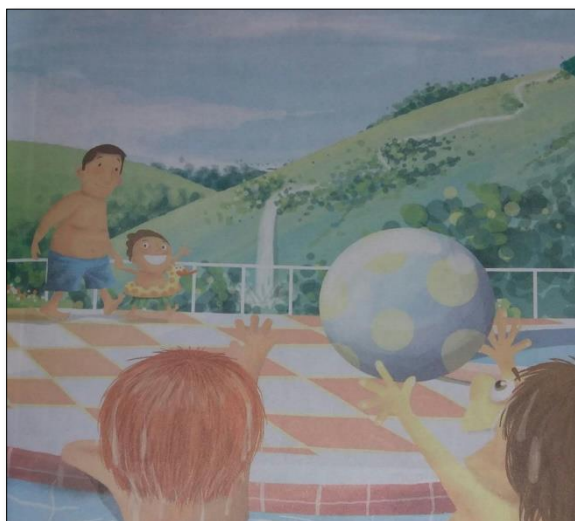
Tipo de atividade lúdica/brinquedos	
Meninos	Futebol (4x), videogame (2x), dançar, cinema, pipa (3x), carrinho (2x), basquete (3x), assistir jogo de basquete

Tipo de atividade lúdica/brinquedos	
Meninas	Leitura, assistir TV, futebol, cinema (2x), videogame, vôlei (2x), pelúcia, basquete, ir a um aquário
Homes	Cinema (2x), fazer pipa, assistir jogo de basquete
Mulheres	Compras, ir a um aquário

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

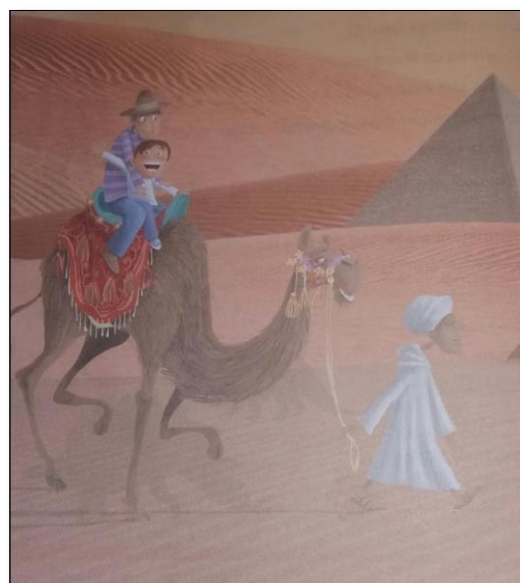
Além das observações sobre a destinação das atividades lúdicas/brinquedos às identidades de gênero, essa categoria apresentou uma questão significativa, que diz respeito à presença do homem (pai) com crianças (filhos/as) em atividades de lazer. Em uma análise sobre esse aspecto, verificou-se que, em todos os componentes curriculares se apresenta, ao menos uma vez, a figura do pai com filhos/as em atividades lúdicas (Figuras 58, 59, 60, 61, 62). Já a figura da mulher (mãe), observa-se apenas uma vez, no livro de Matemática do 5º ano (Figura 63).

Figura 58

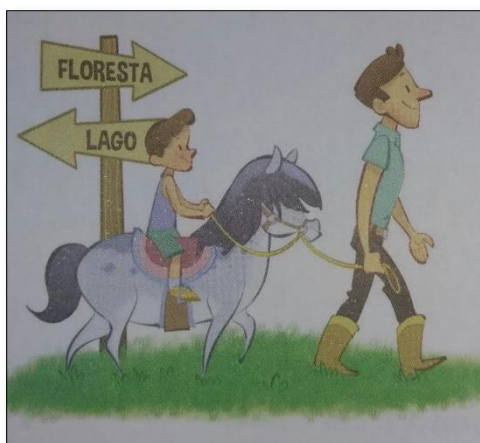


Fonte: NIGRO (2015, 4º ano, p. 51)

Figura 59



Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 32)

Figura 60

Fonte: SIMIELLI (2015, 4º ano, p. 40)

Figura 61

Fonte: BERTIN at. AI (2015, 5º ano, p. 76)

Figura 62

Fonte: SIMIELLI (2016, 5º ano, p. 25)

Figura 63

Fonte: DANTE (2015, 5º ano, p. 222)

Sob essas destinações, é possível identificar concepções sobre algumas características dispostas a mulheres e homens. À medida que o pai é apresentado em atividades de lazer e de aventura, pode-se dizer que os homens são vistos como provedores dessas atividades, além disso, que são corajosos e ocupam o espaço público. Do outro lado, às mães se apresentam dentro do ambiente doméstico por diversas vezes, sendo caracterizadas dessa forma, ainda que implicitamente, como meras executoras das atividades do lar, ocupando o lugar de fragilidade e sendo associadas ao espaço privado.

3.2.4. Pessoas e Personalidades em Destaque

Nos Livros Didáticos para os anos iniciais do Ensino Fundamental, é comum encontrar muitos desenhos, seja de objetos, animais, ou pessoas (adultas ou crianças). Porém, também encontramos fotografias ou textos fazendo referência a pessoas reais, sejam elas conhecidas ou desconhecidas. Ao analisar a coleção Ápis, encontramos essas referências a pessoas comuns e/ou a personalidades que fizeram/fazem parte da história nacional e internacional. Nesse sentido, foi realizado um levantamento dessas pessoas/personalidades com o intuito de verificar a diversidade de referências femininas e masculinas, bem como suas posições sociais.

Para a análise desta categoria, nos detivemos em investigar as imagens e textos dos livros em que a atividade destaca aos/às estudantes a referência. Na figura 64 apresentamos um exemplo de autoria que consideramos e, na figura 65, um que não consideramos na análise. Essa escolha se deu devido ao fato de que há uma infinidade de textos e imagens em todos os livros e consideramos que, muitas vezes, as crianças não se detêm na leitura das legendas/referências, a menos que seja um estímulo do/a docente.

A verificação do material, ora analisado, no tocante às pessoas e personalidades apresentadas, demonstrou que a grande maioria de pessoas referidas nos livros é de homens. Ao contabilizar, observa-se a existência de 80 homens, dentre pessoas comuns e personalidades, enquanto as mulheres são apenas 28. Nesse sentido, aparecem quase três vezes mais homens nos livros.

Figura 64

Todo mundo já teve momentos de medo, não é mesmo?
Veja como a escritora Rosana Rios fala sobre essas sensações:

O que é um susto?

É uma situação em que ficamos com medo. Pode ter vários graus:

- O susto de **primeiro grau** é só um medinho, também chamado “receio”.
- O susto de **segundo grau** é algo mais assustador, que nos dá alguns calafrios, mas que não é tão grave como...
- O terrível susto de **terceiro grau** é o mais horripilante que existe, daqueles que fazem a gente ficar verde, nossos olhos saltarem das órbitas e que arrepiam até os pelos do nariz.

RIOS, Rosana. *O livro dos sustos*. São Paulo: Ática, 2006. p. 6.

Fonte: BERTIN et. al (2015, 4º ano, p. 174)

Figura 65


ATIVIDADE ORAL E ESCRITA

Você se recorda das vogais nasais? São aquelas que, se taparmos o nariz ao pronunciá-las, o som não sairá claro. Vamos relembra.

1 Leia o poema a seguir:

Limerick do computador nº 2
Sérgio Capparelli

Havia um computador em Nova Esperança
Que em vez de memória tinha vaga lembrança.
Nunca vi um tão esquecido,
Tão tonto, aéreo, perdido.
Computador tri sonso esse, de Nova Esperança.



CAPPARELLI, Sérgio. 11 poemas para crianças.
Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 91.

2 Releia as seguintes palavras do poema:

um computador em Esperança lembrança nunca tonto sonso

Fonte: Fonte: BERTIN et. al (2015, 5º ano, p. 261)

Ao analisar os livros do 4º ano, observa-se que, do total de 46 pessoas/personalidades, 18 são mulheres, enquanto 28 são homens (Ver tabela 18). Essa diferença, de 10 pessoas, é significativa, porém, pouco expressiva se relacionada com a dos livros do 5º ano (Ver tabela 19), em que são apresentadas apenas 10 mulheres em todos os cinco livros, em oposição a 52 homens, um total de 42 homens a mais.

Tabela 19 - Quantidade de pessoas/personalidades encontradas nos livros do 4º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Ciência	3	2
História	8	9
Matemática	1	7
Geografia	0	0
Língua Portuguesa	6	10
Total	18	28

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Tabela 20 - Quantidade de pessoas/personalidades encontradas nos livros do 5º ano

Componente Curricular	Mulher	Homem
Ciência	3	12
História	4	16
Matemática	0	3
Geografia	0	9
Língua Portuguesa	3	13
Total	10	52

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Percebe-se que, em todos os componentes, a diferença entre as representações de mulheres e homens cresce muito no 5º ano. Enquanto a quantidade de mulheres no livro de Ciências do 4º ano para o 5º ano permanece a mesma, a quantidade de homens cresce seis vezes. O livro de Geografia do 5º ano permanece sem nenhuma representação de mulheres, assim como no do 4º ano, enquanto a de homens vai para 9 pessoas.

Nos livros de Língua Portuguesa e História, as quantidades de mulheres caem pela metade, de 6 para 3 e de 8 para 4, respectivamente. Já a dos homens aumenta de 10 para 13 pessoas. Os livros de Matemática são os únicos que apresentam queda tanto na quantidade de homens, quanto na de

mulheres. Enquanto as mulheres saem de 1 representação no 4º ano, para nenhuma no 5º ano, os homens caem de 7, no 4º, para 3 no 5º.

Se nos detivermos de maneira mais profunda nos componentes, individualmente, perceberemos que, os livros de História e Geografia apresentam um aumento na quantidade de pessoas/personalidades homens que pode estar relacionado diretamente aos conteúdos trabalhados em cada ano. No livro de História, por exemplo, nota-se que, para o 4º ano, as temáticas estão voltadas para a formação do povo brasileiro (migrações, ocupação do território, êxodo), conteúdos que já trazem algumas personalidades consideradas importantes pela escola, como Pedro Álvares Cabral, no período da colonização. Porém, no livro do 5º ano, as temáticas se voltam aos regimes políticos do Brasil, fazendo um percurso pelo Brasil colônia, império e república. Nesse sentido, há um maior número de personalidades históricas que, em geral, são apresentadas nas escolas ao contar a história do país, como Cristóvão Colombo, Dom Pedro I e Juscelino Kubitschek.

Assim também acontece nos livros de Geografia. No livro do 4º ano, os conteúdos apresentados dizem respeito ao espaço ocupado pelo ser humano. Nesse sentido, são trabalhadas temáticas muito relacionadas com a natureza como: representação cartográfica, espaço rural e urbano, recurso naturais e preservação, além dos processos produtivos na cidade e no campo. Por conseguinte, não são encontradas representações nem de mulheres, nem de homens nesse livro. Já no livro do 5º ano, as temáticas correspondem aos processos de ocupação do espaço, construção do espaço brasileiro e divisões regionais. Desse modo, há uma aproximação às questões históricas referentes à colonização e, por isso, também surgem personalidades que, de forma recorrente, são estudadas nas escolas como representantes importantes desse período histórico.

Através dessas observações, é possível verificar como a escola tem silenciado as mulheres como construtoras da história, ao apresentar, em seus materiais didáticos, personalidades masculinas como referência do engendramento da história. Perpetuando, dessa forma, um processo de marginalização das contribuições das mulheres.

Apesar de identificar um declínio ou permanência no número de mulheres apresentadas em todos os livros do 4º para o 5º ano e um aumento de homens na maioria deles (exceto no de Matemática), não conseguimos verificar uma relação significativa nos livros de Ciência e Língua Portuguesa para esse acréscimo, nem nos de Matemática para o decréscimo.

O livro de Matemática do 4º ano é o único em que as pessoas/personalidades exibidas não mostram relação direta com os conteúdos dispostos. Alguns exemplos trazidos nesse livro são Leonardo da Vinci, Chico Buarque e Oscar Schmidt. Já o livro do 5º ano, dentre as três pessoas apresentadas, duas são matemáticos (Euler e Nicolau Copérnico).

Os livros de Ciências, tanto no 4º, quanto no 5º ano, trazem muitas pessoas/personalidades ligadas à área das ciências da natureza. Entretanto, as mulheres que são apresentadas, em ambos os livros, podem ser consideradas pessoas comuns: uma bióloga, uma médica, uma artista plástica, uma ecóloga, uma nutricionista e uma pediatra. Em contrapartida, os homens, além de exercerem funções de maior reconhecimento (astrônomo, engenheiro, sargento), podem ser considerados personalidades importantes na construção da história mundial, como o explorador Vasco da Gama, o cosmonauta Yuri Gagarin e os inventores Thomas Newcomen e James Watt.

Os livros de Língua Portuguesa, por dispor de conteúdos voltados para o estudo da língua materna, exibem muitas referências a escritores/as, ilustradores/as e músicos/as. Nesse sentido, o livro do 4º ano apresenta pessoas como Ana Maria Machado, Tatiana Belinky, Ferreira Gullar e Ziraldo. Além dos literatos/as, há uma referência a Ronaldo, ex jogador de futebol, e Anne Frank, vítima do holocausto na Alemanha nazista. O livro do 5º ano, da mesma forma, apresenta nomes de escritores/as como Ulisses Tavares, Sérgio Cappanelli, Reginaldo Bessa, Roseana Murray e Teresa Noronha. Ainda que, em termos de ofício exercido, haja uma equivalência entre homens e mulheres, quantitativamente falando, há um número muito maior de homens, sendo 13 e apenas 3 mulheres. Ademais, dentre os homens a que são feitas referências, existem personalidades conhecidas mundialmente, como Ziraldo, Luis Fernando Veríssimo, Mario Quintana e Júlio Verne, o que não ocorre com as mulheres.

Apesar de não havermos nos detido em analisar as legendas/referências dos textos e imagens, em um dos livros de Geografia (5º ano) existe um capítulo voltado, especificamente, para o estudo de textos, denominado “O Brasil em verso e prosa”. Nesse sentido, em cada página do capítulo há um texto a ser estudado. Dessa forma, como o trabalho é voltado especificamente para os textos, tivemos o interesse de observar as autorias, nesse capítulo, e constatamos que, de 10 textos apresentados, apenas 1 é de autoria de mulheres (Lucia Maria Paleardi e Adelidia Chiarelli), sendo, ainda, uma adaptação. Dentre os textos de autoria dos homens, aparecem os compositores Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Gabriel o Pensador, Adoniran Barbosa, e o poeta Casimiro de Abreu.

3.2.5. Considerações acerca da instituição escolar: a educação e as identidades de gênero

Impende verificar que, no decurso desse trabalho, que objetivou analisar o material didático no tocante às identidades de gênero e a forma de exposição das questões de gênero em cada componente curricular, cumpre a este tempo, refletir os resultados da pesquisa da Coleção Ápis, elencada à análise.

Isso é, na avaliação dos componentes, de um modo geral, percebeu-se que a mulher está, quase sempre, circunscrita ao ambiente interno, assumindo as funções de professora, cozinheira, costureira, tecelã e diversas outras atividades, em que eram remetidas ao lar e ao cuidado no seu exercício.

Tal aferição reitera as condições restritas em que são concedidas oportunidades de a mulher se profissionalizar e inserir-se num patamar equivalente aos homens. Essa bipartição do ambiente cingiu historicamente a assunção das profissões através do gênero. Dessa forma, são instituídas, atravessadas pelas relações de poder, vinculações para o sexo feminino e para o sexo masculino, num discurso que imputa à naturalização das diferenças.

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos,

segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente. (AUAD, 2016, p.19)

Esse engendramento construído pela reiteração das práticas sociais circunscreveu a mulher ao âmbito interno/privado, onde tal imposição terminou por despontar às atividades profissionais públicas e criativas ao masculino, e determinar as mulheres à marca do trabalho reprodutivo.

Como consequência, as identidades de gênero femininas, adstritas ao lar, não tinham autonomia salarial, nem mesmo poder diretivo no ambiente doméstico, restando, em regra, descapacitadas para atuar em cargos em que poderia haver a identificação e realização pessoal, bem como a habilidade para o exercício.

Dessa forma, a divisão do trabalho, através da identidade de gênero, termina por imputar um prejuízo manifesto ao social, vez que sobrepuja a diversidade de vivências das identidades femininas em prol da hegemonia masculina, solapando a riqueza ínsita a pluralidade de que o social poderia fruir.

É que a determinação de espaços delimitados como sendo próprios do masculino comprime as possibilidades que poderiam ser exercidas por um grupo de pessoas, conforme sua capacidade e escolha, em razão de um requisito que em nada guarda razão com a obstrução: a identidade de gênero.

Pressupor que a identificação a uma forma de existir o gênero é condição prévia a desabilitar o sujeito para o exercício de determinada atividade, ou a condição suficiente para impedi-lo de realizar escolhas que lhes satisfaça e dê sentido à vida é reduzir a subjetividade às premissas inegociáveis, por uma presunção biologizante inquestionável. Portanto,

Há de se duvidar do que é visto como “coisa de mulher” ou como “papo de homem”. Termos como esses podem revelar concepções desiguais dos sujeitos e as desigualdades acabam por ditar do que meninas boazinhas devem brincar, o que homens fortes devem fazer, do que toda mulher honesta deve fugir e como um menino corajoso deve se comportar. (AUAD, 2016, p.23)

Espaço de construção de saberes por excelência, à escola impende à tarefa de desarranjar as ações que se voltam a propagar a destinação para as identidades de gênero, o que, de modo irrefletido, reforça preconceitos e obsta o acesso das mulheres a espaços que lhes são de direito.

É preciso, portanto, desconstituir todo gesto e todo pensamento apto a manter essas construções impertinentes, sob pena de a instituição escolar subverter seu papel propositivo de construção de saber dentro dos parâmetros da igualdade, sobrelevando o reforço do preconceito e das desigualdades calcada nas diferenças de gênero.

Aos/Às estudantes, lhes sejam dispensados materiais didáticos em conformidade com os propósitos de uma educação calcada na igualdade, e seja dispendido ainda, um olhar crítico, construído em sala de aula, apto a reconhecer e combater os problemas em torno do gênero. É, por isso, necessário esquadrihar uma série de hábitos e gestos impensados, já incrustados no âmbito escolar, a fim de desativá-los, propondo uma lógica inversa, do fortalecimento à isonomia.

A análise dos livros, ora dispostos ao uso escolar, consiste num ponto relevante, merecedor de um olhar atento, obstinado em reconhecer seus pontos falhos com o propósito de ascender a uma proposta alinhada ao combate ao preconceito.

CONCLUSÃO

As discussões sobre as questões de gênero na escola, atualmente, têm sofrido grandes ataques por parte de grupos políticos conservadores que têm tentado excluir os processos de reflexão quanto a essa temática no espaço escolar. O crescimento dos adeptos ao Programa Escola sem Partido, por exemplo, que atualmente tramita junto à comissão especial da câmara dos deputados e propõe a isenção, nas instituições escolares, do debate acerca das temáticas de gênero, dentre outras questões, tem levantado o debate acerca da imprescindibilidade da abordagem dessas questões na educação escolar.

De acordo com o projeto, as escolas (públicas e particulares) ficariam obrigadas a fixar cartazes com deveres do/a professor/a, entre os quais, a proibição de usar sua posição de docente para expor aos/às estudantes qualquer corrente política, ideológica ou partidária. Tal proposta, se levada a cabo, termina por retirar da educação escolar, o espaço de reflexão acerca do tratamento igualitário das identidades de gênero, seja no tocante às atividades profissionais, na construção dos arranjos familiares, e nas diversas esferas vitais de expressão social.

No entanto, a instituição escolar sendo, por excelência, o local de construção e reprodução de saberes e espaço de socialização, não pode se furtar aos debates, inclusive de gênero, sob pena de estar prejudicando a construção crítica da expressão e do pensar dos/as alunos/as. Nas palavras de Louro:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 1997, p. 64)

Analisar os materiais didáticos, utilizados de maneira recorrente no âmbito escolar, no que se refere à construção das identidades de gênero, portanto, é

tarefa urgente. Essas análises precisam estar voltadas à compreensão de como as práticas de discriminação negativa dos sujeitos, pelo gênero, se reproduzem, reforçadas por instrumentos que estariam, prioritariamente, destinados a fortalecer a igualdade.

Essa observação leva, contrariamente, a questionar que, apesar de a temática das identidades de gênero ser tão manifesta dentro da seara filosófica, fomentando em muitos espaços suas teorizações, mas pouca efetividade se tem dado no campo da aplicação desses pensamentos. Esse cenário só tende a se agravar com o desenvolvimento de interesses políticos na retirada dessas reflexões dentro do âmbito escolar.

Em consideração à contemporânea retomada dos debates acerca das escolas sem partido e, ainda, em observância às determinações do Programa Nacional do Livro Didático, essa pesquisa se deteve à análise do cumprimento dessas exigências pela coleção mais requisitada pelos/as docentes do Brasil, a fim de constatar as representações, nesses livros didáticos, acerca das identidades de gênero.

Na presente análise, realizada sobre os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências e Geografia, dos 4º e 5º anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, verificou-se que, de maneira geral, a linguagem direcionada aos/às estudantes e também na abordagem dos conteúdos dos livros, se dá de modo a desconsiderar as identidades femininas, utilizando termos masculinos genéricos para referir-se às meninas e mulheres.

Essas diferentes tratativas direcionadas às identidades femininas e masculinas, também revelam-se, sem sutilezas, ao dispor ao homem atividades profissionais com maior relevo social, e voltadas à ambiência pública. Ao passo que às mulheres, em menor figuração nas atividades profissionais, sobrelevaram-se ofícios que as associam a atividades do lar, de cuidado e da educação.

Essas distinções dispensadas às identidades díspares, foram acentuadas também no aspecto lúdico, onde a figura paterna sempre se apresenta desfrutando de momentos de lazer com o filho, em detrimento da

aparição da figura materna, na maioria das vezes, evidenciada no trabalho reprodutivo.

Além dessas questões, através da comparação entre os livros didáticos dos diversos componentes curriculares, observou-se uma abordagem bastante estereotipada nos dois livros de Matemática, nos quais a mulher é, em grande parte do livro, representada no exercício de atividades voltadas ao âmbito doméstico, como cozinhar, costurar e fazer compras, enquanto os homens exercem funções diversas, sendo, também, os que mais estão associados a posse de bens e valores monetários.

Já os livros de História se destacam positivamente, como espaço de ruptura de alguns estereótipos, trazendo abordagens sobre a presença das mulheres nas sociedades, os diferentes modelos de organização familiar, a participação das mulheres no mercado de trabalho, bem como, reflexões sobre os direitos e deveres de homens e mulheres. Apesar dessas tentativas de uma abordagem mais igualitária, verificou-se uma desconformidade entre o que prega o livro e a linguagem utilizada para referir-se aos/às estudantes ou a determinados conteúdos. Percebeu-se, por exemplo, que, mesmo quando fala da participação das mulheres na política, o livro, ao fazer um questionamento aos/às crianças, ignora as mulheres, como visto na análise das categorias profissionais.

Desse modo, verificou-se nessa investigação que, os materiais didáticos submetidos a essa análise, não atendem, de modo satisfatório, à prescrição da abordagem de gênero nos parâmetros de igualdade prescritos pelo Programa Nacional do Livro Didático. Frente a essa constatação, e, tendo em vista que a ausência de uma abordagem educativa que leve em conta as diferenças das identidades de gênero para ascender à igualdade, pode, contrariamente, reproduzir preconceitos e solidificar desigualdades, refletiu-se a necessidade de aprimoramento frente a essas questões, no conteúdo dos livros didáticos.

Compreendemos que o livro didático é material destinado ao uso diário dos/as alunos/as e, portanto, disposições desiguais para as identidades de gênero reforçam a construção de sujeitos limitados. O aperfeiçoamento do material, desse modo, poderá tornar o conteúdo apto às percepções de que as

peculiaridades de cada indivíduo, seja de interesses, aptidões, características físicas ou espaços ocupados, não se prestam à determinações apriorística.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A. Estágio Categorical. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. (Org.) **Henri Wallon – Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 51-58.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Relações de gênero nas práticas escolares: o aprendizado da separação nas “misturas” no pátio. In: **Revista Ártemis**, Universidade Federal da Paraíba, v. 2, jul., 2005, p. 39-49.

BASTOS, M. C. C. da S. **Relações de gênero em livros didáticos de Língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino**. Curso de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Dissertação de Mestrado.

BERNARDELLI, M. A. **Entre permanências e subversões - a composição visual feminina nos livros didáticos de história**. Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Dissertação de Mestrado.

BERTIN, T. C. H.; BORGATTO, A. M. T.; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto Ápis: história**, 4º e 5º ano – 2. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2017: Notas Estatísticas**. Brasília: MEC, 2018.

_____. Ministérios da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de convocação 02/2014 – CGPLI**. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o programa nacional do livro didático PNLD 2016. Brasília: MEC/SEB, 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais História e Geografia**. (Terceiro e quarto ciclos) Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

BUTLER, J. Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.151-172.

CELESTINO, G. S. **Gênero em livros didáticos de história aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014**. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Dissertação de Mestrado.

CHARLIER, A. M.; SIMIELLI, M. E. **Projeto Ápis: história**, 4º e 5º ano – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

COSTA, D. de O. **O Lugar, a presença e o tratamento dado às mulheres no livro didático da EJA: espaço negado, espaço reivindicado**. Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Dissertação de Mestrado.

COSTA, G. B. A.; DANTAS, D. N. O Livro Didático de Geografia e as Questões de Gênero: Algumas reflexões. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, jan./jun., 2016, p.323-340.

DANTE, L. R. **Projeto Ápis: história**, 4º e 5º ano – 2. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

DIAS, Z. B. **Ensino de ciências naturais, livros didáticos e imagens - investigando representações de gênero**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Tese de Doutorado.

FUTADO, A. G., GAGNO, R.S., **Políticas do livro didático e o mercado editorial**. IX Congresso Nacional de Educação, PUCPR, Paraná, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª ed. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LA TAILLE, Y. de, OLIVEIRA, M. K. de, DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LAJOLO, M. **LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto. Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996, p.3-9.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 9-34.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, P. U. **(In)visibilidade das mulheres brasileiras nos livros didáticos de história do Ensino Médio (PNLD, 2015)**. Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Dissertação de Mestrado.

MORAES, E. H. M. B. de. **Representações de Gênero em Livros Didáticos: Imagens e seus sentidos**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

MORAES, R. Análise de conteúdo. In: **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999, p. 7-32.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M.. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: MEC/SEB, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. rev. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NIGRO, R. G. **Projeto Ápis: história**, 4º e 5º ano – 2. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

OLIVEIRA, W. C. de. **Identidades de gênero e currículo - o discurso veiculado nos livros didáticos**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Dissertação de Mestrado.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 17 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de Christine Rufino e Dabat Maria Betânia Ávila. 1989.

_____. Os usos e abusos do gênero. Tradução de Ana Carolina E. C. Soares. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 45, 2012, p.327-351.

SILVA, F. J. da C. e. “É Bom Aprender”: Discussões sobre gênero e diversidade sexual nos livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos. In: **Espaço do Currículo**, UFPB, v.8, n.2, 2015, p. 281-282.

SILVA, F. de J.; SILVA, E. G. da; SILVA, A. V. da. Gênero, Discurso e Sentido: Profissão masculina e profissão feminina no livro didático. In: **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, 2016, p. 158-175.

SIMIELLI, M. E. **Projeto Ápis: história**, 4º e 5º ano – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

APÊNDICE A

TÍTULO	EDITORA	COMPONENTE CURRICULAR	AUTORAS/ES
Projeto Ápis	Ática	Língua Portuguesa	Ana Trinconi; Terezinha Bertin; Vera Marchezi.
Projeto Ápis	Ática	História	Maria Helena Simielli; Anna Maria Charlier.
Projeto Ápis	Ática	Geografia	Maria Helena Simielli
Projeto Ápis	Ática	Ciências	Rogério G. Nigro
Projeto Ápis	Ática	Matemática	Luiz Roberto Dante

Tabela A-1: Livros analisados destinados ao 4º ano do Ensino Fundamental.

TÍTULO	EDITORA	COMPONENTE CURRICULAR	AUTORAS/ES
Projeto Ápis	Ática	Língua Portuguesa	Ana Trinconi; Terezinha Bertin; Vera Marchezi.
Projeto Ápis	Ática	História	Maria Helena Simielli; Anna Maria Charlier.
Projeto Ápis	Ática	Geografia	Maria Helena Simielli
Projeto Ápis	Ática	Ciências	Rogério G. Nigro
Projeto Ápis	Ática	Matemática	Luiz Roberto Dante

Tabela A-2: Livros analisados destinados ao 5º ano do Ensino Fundamental.